

# Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

# 280

Mês: Junho

Ano: 2022

Preço: R\$ 5,00

## O tesouro de Otto Lara Resende

Em seu centenário de nascimento, várias homenagens irão celebrar o jornalista e escritor Otto Lara Resende, que foi escolhido como o autor homenageado na "Ciranda com Autores", concurso de redação dos alunos da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)



ACESSE:  
[www.jornaldeletras.com.br](http://www.jornaldeletras.com.br)

# J Editorial

Neste número, prestamos a nossa homenagem a um grande intelectual brasileiro, nascido em Minas Gerais. Queremos nos referir ao jornalista e escritor Otto Lara Resende, que conhecemos na década de 1950 como diretor da revista *Manchete*. Era um grande conversador, qualidade da qual não abria mão. Encontrar o Otto pessoalmente era a garantia de um bom papo. Isso nunca impediu que ele escrevesse deliciosas crônicas, contando casos e mais casos. Parecia uma fonte inesgotável de histórias, sempre muito agradáveis de ler ou ouvir. As famosas crônicas do Otto foram publicadas nos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, originando depois livros que honraram a nossa literatura. Sua fertilidade foi incomparável – e fazemos questão desse simpático registro. Agora, Otto será lembrado na Maratona Escolar da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Ganham com isso os alunos da rede carioca de ensino.

O Editor.



O diretor presidente da Associação Brasileira de Mantenedores do Ensino Superior, Celso Niskier, representou a instituição na Conferência Mundial de Educação superior da Unesco, que reuniu mais de 3 mil pessoas de 193 países, em Barcelona, em maio.

## J Expediente

**Diretor responsável:** Arnaldo Niskier

**Editora-adjunta:** Beth Almeida

**Colaboradora:** Manoela Ferrari

**Secretária executiva:** Andréia N. Ghelman

**Redação:** R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: [institutoantares.info@gmail.com](mailto:institutoantares.info@gmail.com)

**Distribuidores:** Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

**Correspondentes:** António Valdemar (Lisboa).

**Programação Visual:** CLS Programação Visual Ltda.

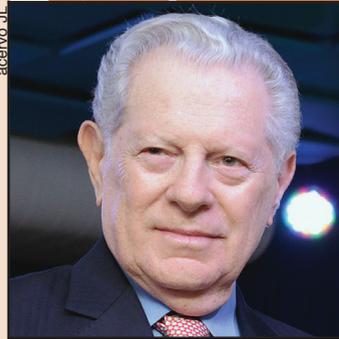
**Fotolitos e impressão:** Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

**Versão digital:** [www.jornaldeletras.com.br](http://www.jornaldeletras.com.br)

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO  
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

# J Opinião

Arnaldo Niskier



## Bom dia para nascer

Com esse título, altamente expressivo, quero homenagear o jornalista e escritor mineiro Otto Lara Resende, que estaria agora comemorando os seus primeiros 100 anos de vida.

Tive o duplo privilégio de conviver com ele. Primeiro, nos anos 1950, na redação da revista *Manchete*, que ele dirigiu com muita competência. Na época, eu era repórter da revista *Manchete Esportiva*, dirigida por Augusto Falcão Rodrigues, na sala ao lado, na rua Frei Caneca, 511. Depois, quando convivemos durante uns poucos anos na Academia Brasileira de Letras, frequentando no Petit Trianon as sessões das quintas-feiras.

Dizer da admiração pela figura humana de Otto Lara é muito pouco. Era um grande e apreciado conversador, dando à sua fascinante personalidade um feitiço hipnótico. Foi com essa personalidade, ao longo da vida (1922-1992), que se tornou um exímio cronista, conciliando jornalismo e literatura. Escreveu um total de 508 crônicas, brilhando nas páginas de *O Globo* e *Folha de São Paulo*. Era um missivista compulsivo, acompanhando o embalo das ondas que vão e vêm. Nos livros escritos, o primeiro deles é o *Bom Dia para Nascer*, de teor emblemático, onde está a sua declaração de princípios. Ali achamos os caprichos da sua privilegiada memória.

Com os dotes inequívocos de liderança, Otto lançou na *Manchete* dois sabiás da crônica: Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. E vieram os seus quatro livros de contos: *O Lado Humano* (1952), *Boca do Inferno* (1957), *Retrato na Gaveta* (1962) e *As Pompas do Mundo* (1975), em que estão as cores fortes da sua imaginação. Alguns desses livros foram depois relançados com novos títulos, por decisão explícita do autor.

Como se disse na *Folha de São Paulo* de 30 de abril de 2022, “a construção da sua prosa mimetiza a desenvoltura de quem caminha pela cidade misturando dois tipos de registros; passa do observador culto, silencioso e obsessivo às ondulações e devaneios de um distraído.” E mais adiante: “A mobilidade de sua prosa é fascinante. Alinha matéria autobiográfica à matéria literária.”

Otto Lara Resende foi uma figura notável da cultura brasileira e merece todas as nossas homenagens.

“A literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem.”

Louis de Bonald

“Literatura é que nem mulher: quando não presta, nem vale a pena perder tempo.”

Charles Bukowski

# Dia Internacional da Língua Portuguesa

Por José Carlos Gentili



Dia 5 de maio – Dia Internacional da Língua Portuguesa

Os geminianos, criaturas nascidas no signo de Gêmeos, ditos mercurianos, que perambulavam pelos meandros da mitologia grega, representados pelas divindades denominadas Castor e Pólux, denominados diáscoros, filhos de Zeus e Píndaro, marido de Leda, de Esparta, na ambivalência da imortalidade das deidades e na finitude dos mortais, foram guindados como protetores dos navegantes da Grécia Antiga, uma vez que participaram da expedição dos Argonautas. Os desdobramentos mitológicos permeiam histórias infundáveis da deificação milenar de nosso orbe, a projetar as figuras míticas dos gêmeos, protetores dos marujos em alto-mar, a usarem elmos donde espargiam raios de santelmo, luminescência com resplendor de brilhantes faíscas branco azuladas.

O fogo de santelmo personifica os entes protetores, perante às tempestades marítimas, que marcaram a extraordinária saga lusitana, frente ao domínio dos altos-mares, a gerar uma ocupação telúrica, que, no dizer de Felipe II – “o sol não se punha no Império” –, ao dimensionar a grandeza de Portugal no contexto das navegações.



“O sol não se punha no Império.”

\*ST. ELMO'S FIRE\* ON MASTS OF SHIP AT SEA.

Nascida no tálamo do Condado Portucalense, a língua portuguesa ganhou, então, foro de mundialidade, perpassou os séculos como uma verdadeira língua franca, nos moldes do grego, do latim, do francês e do atual inglês, e permitiu que o geminiano Fernando Antônio Nogueira Pessoa, nascido em Lisboa, em 13 de junho de 1888, pudesse afirmar, de forma antológica, que: “A minha Pátria é a minha língua.”

Mais, ele disse em seu poema Mar Português:

“Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena?  
Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.”

Atualmente, o idioma de Luís Vaz de Camões, nativo de 221 milhões de pessoas, é a sexta língua mais falada no mundo, após mandarim (918 milhões), espanhol (460 milhões), inglês (379 milhões), hindi (341 milhões), bengali (228 milhões). Depois, seguem russo (154 milhões), japonês (128 milhões), Punjabi Ocidental (93 milhões), marata (83 milhões), observando-se o numeral de falantes nativos, conforme a Word Tips (Ethnologue: languages of the world/2020). Se observarmos a classificação pelo total de falantes, incluídos não nativos, teremos: inglês (1,132 bilhão), mandarim (1,117 bilhão), indi (615 milhões), espanhol (534 milhões), francês (280 milhões), árabe (274 milhões), bengali (265 milhões), russo (258 milhões), português (234 milhões) e indonésio (199 milhões), prenotando-se que Portugal (10 milhões de falantes nativos), representa menos da metade da população da cidade de São Paulo e só 4,27% de todos os falantes da Comunidade dos Países da Língua Portuguesa – CPLP, formada por nove países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.



José Carlos Gentili e Murad Murargy – Palácio Penafiel (sede da CPLP).

A Organização das Nações Unidas – ONU, em 1945, escolheu cinco línguas oficiais: inglês, mandarim, espanhol, francês e russo, e, depois, acrescentou, em 18 dezembro de 1973, o árabe.

A Academia de Letras de Brasília, além do vínculo científico com a Academia das Ciências de Lisboa, sempre manteve um liame cultural com a CPLP, a desfraldar a bandeira da entidade lusófona, em todas as suas cerimônias, e demonstrar total integração, promovida pelo então presidente-embaixador Murad Murargy –, incansável líder, que sempre prestigiou Brasília, a nova Capital do Brasil.

Celebremos o Dia Internacional da Língua Portuguesa no mundo!  
Vivam Portugal e seu povo, ordeiro e valoroso, que honram nossa ancestralidade!

\*José Carlos Gentili é escritor, membro da Academia de Ciências de Lisboa e presidente Perpétuo da Academia de Letras de Brasília.

● O PRIMEIRO livro de contos do cantor e compositor Martinho da Vila – *Contos Sensuais e Algo Mais* (Ed. Patuá) – traz histórias de amor, separação e traições, além de relatos autobiográficos, lembranças de artistas com quem o autor conviveu e observações críticas sobre a realidade.

● A BIOGRAFIA do cantor, compositor e escritor Nei Lopes é preparada por Luiz Antonio Simas, Diogo Cunha e André Diniz para a Editora Numa.

● NA OBRA *Evidências* (Ed. Zahar), com o subtítulo *Sobre o bom uso de dados em ciências sociais*, o sociólogo norte-americano Howard Becker mostra exemplos divertidos e erros cometidos, sugerindo soluções para tempos em que são impostas “falsas verdades”.

● EM *Domingos Montagner – O espetáculo não para* (Máquina de Livros), Oswaldo Carvalho resgata a história do ator, da infância em Tatuapé à tragédia que o levou, aos 54 anos, em 2006, tragado pelo Rio São Francisco, na época em que gravava a novela *Velho Chico*.

● ORGANIZADO por José Luiz Ratton e José Szwako, *Dicionário dos Negacionismos no Brasil* (Ed. Cepe) tem como guia as consequências de atitudes negacionistas. São mais de 100 verbetes assinados por pesquisadores de diferentes regiões do país.

● A FTD EDUCAÇÃO firmou acordo com agência literária internacional que trabalha com autores africanos. Com previsão de lançamento para o segundo semestre no Brasil, o livro *Quando minha Voz Falhar*, da ganesa Ruby Yayra Goka, será o primeiro fruto da parceria.

● EM *Jogue Limpo, mas Vença*, autobiografia de Michael Dell (Ed. Sextante), o presidente e fundador da “Dell” – CEO mais jovem a dirigir uma empresa da lista Fortune 500 – abre os bastidores da companhia.

● O NEOCOLONIALISMO À ESPREITA: MUDANÇAS ESTRUTURAIS NA SOCIEDADE BRASILEIRA (Ed. Sesc- SP), do economista e professor Marcio Pochmann, traz pertinentes análises para a compreensão do Brasil.

● ESCRITO AO LONGO de 5 anos, *Elogio à Solidão* (Ed. Gryphus),

de Stephen Batchelor, estudioso do budismo, aborda a solidão como um modo de vida.

● *AUSCHWITZ E DEPOIS*, lançado pela Ed. Carambaia com tradução de Monica Stahel, é a primeira edição no Brasil da obra de Charlotte Delbo (1913-1985). O texto reúne relatos sobre a passagem da autora pelo campo de concentração.

● USANDO O HUMOR como ingrediente constante, o ator e diretor americano Stanley Tucci lançou *Sabor: Minha vida através da comida* (Ed. Intrínseca).

● O *INVENTÁRIO DO AZUL* (Ed. Alfaguara), novo romance do escritor João Anzanello Carrascoza, com capítulos curtos que se confundem com crônicas e poesias, alterna passado e presente, remetendo a Fernando Pessoa.

● EM *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos* (Ed. Fósforo), a americana Saidiya Hartman, professora da Universidade de Columbia, reconstitui a vida de mulheres jovens nos guetos negros de Nova York e da Filadélfia, entre 1890 e 1935.

● O ECONOMISTA americano Michael Spence aborda, de maneira não convencional, os fenômenos sociais da atualidade em *Para Além do Capitalismo* (Ed. Voo).

● REUNINDO ARTIGOS de mais de 30 especialistas, inclusive das maiores autoridades globais no tema, *Economia Circular* (Ed. Bambual), organizado por Beatriz Luz, aponta a necessidade de mudanças de valores e de atitudes na sociedade.

● EM *Feminismo no Brasil – Memórias de quem fez acontecer* (Ed. Bazar do Tempo), Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy recuperam a história dos movimentos feministas no país, a partir de 40 mulheres com atuação destacada, entre 1970 e 1990.

● LÍDER NA América do Sul em setores da indústria química, a Unipar vai investir R\$ 1,9 milhão em cinco livros de imagens históricas, incluindo fotos do português Joaquim Insley e gravuras do alemão Johann Moritz Rugendas.

● PRODUZIDO POR André Penteadó, em parceria com a

## CANTADA LITERÁRIA



Editora Madalena, Farroupilha propõe um olhar atual sobre a revolução no Rio Grande do Sul.

● A *CAMAREIRA*, da canadense Nita Prose, best-seller em 29 países, foi lançado no Brasil pela Editora Intrínseca, com tradução de Julia Campos. A obra vai virar filme estrelado pela britânica Florence Pugh.

● *FLORES MATINAIS COLHIDAS AO ENTARDECER*, de Lu Xun (Ed. Unicamp), aponta conflitos dos chineses diante da modernidade e do encontro com o ocidente, revelando parte de um país ainda desconhecido pelos brasileiros.

● NA *ZONA TÓRRIDA DO BRASIL* (Ed. 100 Cabeças), de Benjamin Péret, reúne 25 fotografias feitas durante uma jornada por terras indígenas, em 1956, pelo poeta surrealista francês.

● EM *As Aventuras de um Cão chamado Petit*, lançado pela FTD Educação, Heloísa Prieto aborda, com delicadeza para o público infantojuvenil, temas como autismo, bullying e inclusão. As ilustrações são de Maria Eugênia Campos.

● BEST-SELLER DE Itamar Vieira Junior, o premiado *Torto Arado* vai virar série de três temporadas, adaptados para o HBO Max.

● *TEMPO DE CIDADE* (Ed. Outras Letras), do arquiteto Vicente Loureiro, reúne crônicas sobre urbanismo e relatos ambientados em Paracambi (RJ).

● O SOCIOLOGO Reginaldo Prandi, autor de *Mitologia dos Orixás*, lançou sua terceira obra de ficção: *Motivos e Razões para Matar e Morrer* (Companhia das Letras).

● AS *VISIONÁRIAS* (Ed. Todavia), do filósofo alemão Wolfram Ellenberger, conta a história de quatro grandes pensadoras no recorte de uma década turbulenta (1933 a 1943): Simone de Beauvoir, Simone Well, Ayn Rand e Hanna Arendt.

● APOIADOS EM ilustrações de Quim Torres, os versos da autora americana Alice Walker apresentam vários países para o público infantojuvenil, em *Gente Legal Está em Todo Lugar* (Ed. José Olympio).

● COM A REEDIÇÃO de *Dia Garimpo*, de 1939, a Editora Círculo de Poemas resgata a obra diversa e forte da escritora paulista Julieta Barbara, que foi casada com Oswald de Andrade.

● DE OLHO NO interesse crescente pela astrologia, em livros como os recém-publicados *O que Dizem as Estrelas*, de Lui Trigo (Ed. Seguinte) e *Cartas aos Astros* (MapaLab), de Ray Tavares, os signos e seus ascendentes explicam as ações dos personagens.

● A PARTIR de uma pesquisa sobre a vitória comunista na Revolução de 1917, na Rússia, a britânica Helen Rappaport escreveu *A Corrida para Salvar os Romanóv*, com tradução de Denise Bottman para a Editora Objetiva.

# Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

## Sem nota

“Uma e outra aluna erraram o trabalho passado pelo professor.”

Se não fosse o problema do erro, estaria tudo certo. A expressão **uma e outra** admite o verbo no plural, o que é mais usual, mas no singular também está certo.

Observe no singular: “**Uma e outra aluna** errou o trabalho passado pelo professor.”

## Atenção na estrada

“Heloísa hesitou na hora de optar pela rodovia Niterói Manilha, pois achava que estava muito esburacada.”

Prudência sempre é bom! Veja:

Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares. Ex.: ponte **Rio-Niterói**, eixo **Rio-São Paulo** etc.

Frase correta: “Cláudia hesitou na hora de optar pela rodovia **Niterói-Manilha**, pois achava que estava muito esburacada.”

## Desumanidade

“Regina chamou a atenção do menino que agiu de forma des-humana ao atirar o gatinho no quintal cheio de cães.”

Escrevendo assim, nem com sete vidas o gatinho sobreviveria!

Preste atenção: não se emprega o hífen nos prefixos **des** quando o segundo elemento perde o **h** inicial.

Exemplos: **desumidificar**, **inumano**. Lembrando que agredir animais é crime!

Período correto: “Regina chamou a atenção do menino que agiu de forma **desumana** ao atirar o gatinho no quintal cheio de cães.”

## Pista errada

Mensagem escrita que apareceu na tela de uma emissora de TV, depois de um dia de muita chuva, numa grande cidade brasileira: “Duas pistas que liga...”

Está explicado: o erro de concordância complica tudo!

Se são duas pistas, o verbo obrigatoriamente deveria estar no plural: **ligam**.

Frase correta: “Duas pistas que **ligam**...”

## Ônibus atrasado

“Isac ficou chateado porque não chegou a tempo de pegar o último microônibus.”

Nem poderia chegar!

Veja: Quando o prefixo termina por **vogal**, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela **mesma vogal**. Ex.: **anti-imperialista**, **anti-inflamatório**, **micro-ondas** etc.

Frase correta: “Isac ficou chateado porque não chegou a tempo de pegar o último **micro-ônibus**.”

## Religiosidade

“Ricardo afirma ser anti-religioso.”

Não se pode dar crédito a essa afirmação.

A palavra é **antirreligioso**, isto é, quando o prefixo termina em **vogal** (anti) e o segundo elemento começa por **r** (religioso), dobra-se o **r**.

Frase correta: “Ricardo afirma ser **antirreligioso**.”



## Corde resistente

“Thiago procurou pela corda superresistente para amarrar o reboque na caminhonete, mas não a encontrou.”

Melhor chamar um guincho! Veja: Quando o prefixo termina por **consoante**, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela **mesma consoante**. Ex.: **inter-regional**, **sub-bibliotecário**, **super-racista** etc.

Atenção:

- Nos demais casos não se usa o hífen. Ex.: **hipermercado**, **intermunicipal**, **superinteressante**, **superproteção**.

- Com o prefixo **sub**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: **sub-região**, **sub-raça** etc.

- Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m**, **n** e **vogal**: **circum-navegação**, **pan-americano** etc.

Frase correta: “Thiago procurou pela corda **super-resistente** para amarrar o reboque na caminhonete, mas não a encontrou.”

## Anexados

“Segue anexo os documentos solicitados.”

Não vão chegar ao destino, escrevendo desse modo.

Veja: **anexo** é adjetivo e deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere (**documentos**).

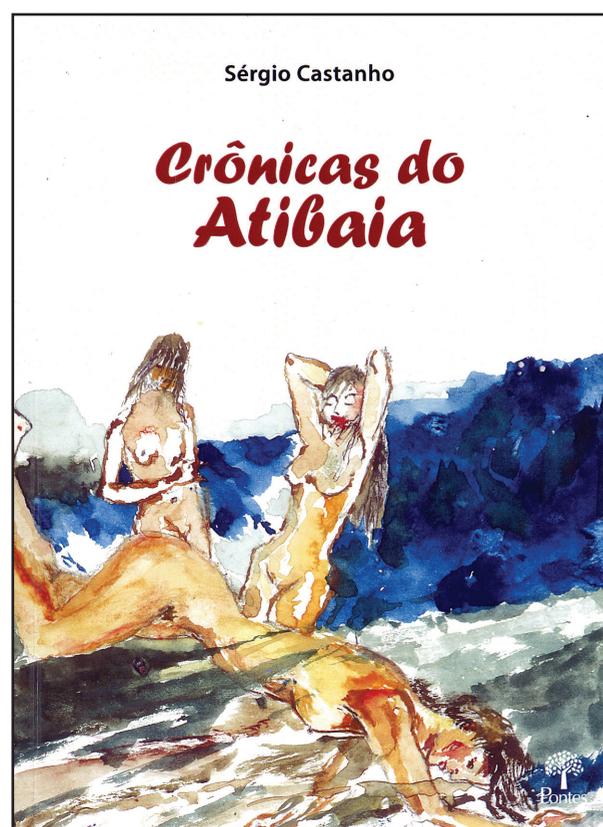
Em tempo: muitos gramáticos condenam a locução “em anexo”, portanto, prefira a forma sem preposição.

Frase correta: “Seguem **anexos** os documentos solicitados.”



# Crônicas do Atibaia

Por Agostinho Tavoraro\*



A partir de uma seleção de suas crônicas publicadas nas últimas quatro décadas na imprensa de Campinas, Sergio Castanho apresenta, em *Crônicas do Atibaia* (Pontes Editores, Campinas: SP, 2021), uma visão arguta e sentimental de sua senda situando-a às margens do rio Atibaia, ali radicando as Atibáides, ninfas do rio Atibaia, que o inspiraram, tal como fizeram as ninfas do Tejo – as Tágides – a Camões, a colocar por escrito seus sonhos à margem do rio, magnificamente ilustrada a capa de sua obra com visão que delas pintou Egas Francisco de Souza, maior nome da arte pictórica na cidade que o rio Atibaia abastece.

Sonhos que não afastam o autor da realidade cotidiana, da qual extrai o lirismo das coisas simples, mas também não o distanciam de sua formação acadêmica, professor e doutor que é em filosofia e história da educação, que, em seu artigo O português e o alemão, expõe com precisão o relacionamento entre o grande vate de nossa língua – Camões, de um lado, e de outro o filósofo Johann Gottlieb Fichte, separados por duzentos anos, mas que têm um ponto comum no tratamento poético de Camões do episódio de Inês de Castro, “rainha depois de morta”, que Fichte proclama representante feminina do amor vitimado pela política, como Eugenie de Goethe também o foi. Oportuno foi, mostrando o encadeamento lógico do autor, em artigo posterior, quando expõe a forte tradição literária que caracteriza Alemanha e Portugal, ramificações do mesmo tronco linguístico, o indo-europeu, proveniente o alemão do ramo germânico-ocidental e o português do ramo itálico do indo-europeu, em especial do latim, traçando o paralelismo de ambas as línguas através dos tempos, que ambas as línguas, em sua formação quanto na feição de suas literaturas foram mutuamente influenciadas, dando como exemplo os trovadores, em terra lusa, com o rei D. Diniz e Walther von Vogelweide em terras germânicas com os Minnesang (cantos de amor), lembrando ainda que Camões, o grande artesão da palavra, foi saudado por Ezra Pound como “o Rubens do verso”.

Obra de leitura agradável e de linguagem escorreita, edificante se torna ela nos dias atuais, quando a digitalização, ao que parece, torna enfadonho o ler e o pensar, perdendo-se o encantamento da poesia.

\*Agostinho Toffoli Tavoraro é membro da Academia Campinense de Letras, da Academia Paulista de História e da Academia Paulista de Letras Jurídicas.

**JOSÉ AUGUSTO MINARELLI**

# Nova gestão do CIEE

**Arnaldo Niskier:** Hoje, com muito prazer, recebemos a visita do presidente

do CIEE nacional, professor, escritor, autor, Dr. José Augusto Minarelli. Ele é também presidente do Conselho de Administração do CIEE de São Paulo. Qual é a importância do CIEE para a juventude brasileira?

**José Augusto Minarelli:** O CIEE é uma organização de assistência social e de cunho educacional que prepara os jovens menos favorecidos para a transição do mundo do ensino, da educação para o mundo do trabalho. A importância do CIEE é que abre oportunidade para os jovens que, de outra forma, não teriam tanto sucesso no início da sua carreira, na sua formação profissional e no início da carreira de trabalho. Então, o CIEE cumpre uma função social importante, que é de abrir oportunidade para quem não tem oportunidades.

**Arnaldo Niskier:** O CIEE sofreu a influência da pandemia? Foi um tempo difícil para o CIEE?

**José Augusto Minarelli:** Sem dúvida. O CIEE sofreu como todas as organizações sofreram nesses dois anos. Tivemos que emagrecer, reduzir, fazer ajustes e procurar novas formas de atender os jovens, principalmente utilizando tecnologia, porque de outra forma não conseguiríamos. Realmente tivemos uma queda de oportunidade de estágio e de vagas para aprendizagem. Mas, felizmente, resistimos, persistimos e hoje já estamos colhendo os resultados, a melhoria dos números. Então, acreditamos que conseguiremos, até o final de 2022, voltar ao patamar de 2019.

**Arnaldo Niskier:** Você, que preside São Paulo, tem uma influência muito grande no Brasil todo. Quais são as tecnologias mais usuais na vida do CIEE?

**José Augusto Minarelli:** O CIEE está presente no Brasil todo e para atingir todos os estados juntamente com seus coirmãos, os CIEEs autônomos, foi preciso investir em tecnologia, a começar por um novo sistema operacional para dar sustentação ao CRM. O coração da atividade é o CRM, ou seja, o Banco de Dados de escolas e de estudantes que permite registrar os contratos, as oportunidades e permite também a disseminação de conhecimento, como a UniCIEE. O CIEE tem uma universidade corporativa para os estudantes que estão em estágio e é também aberto à comunidade. Foi graças aos investimentos em tecnologia que pudemos atender

muito mais pessoas com os recursos que compramos, desenvolvemos justamente para atender à missão de disseminar mais conhecimento para os jovens.

**Arnaldo Niskier:** O CIEE oferece bolsas?

**José Augusto Minarelli:** Sim, o CIEE tem uma organização interna de alunado, dos ex-estagiários, chamada "Somos CIEE". Por intermédio da associação, de quem passou pelo CIEE alguma vez, em programas de aprendizagem ou de estágio, estamos juntando toda essa força de conhecimento, de possibilidades e de recursos financeiros para financiar bolsas. Hoje temos convênio, acordos com escolas particulares a quem pagamos anuidade. Além disso, damos uma bolsa de manutenção para o jovem, porque não basta dar o curso, ele precisa do material escolar, do ônibus e do lanche. Geralmente o bolsista acaba tendo um outro trabalho e precisa se deslocar em direção à escola ou em direção ao trabalho, precisa tomar um lanche e é fundamental que, além da bolsa de estudo, se dê uma bolsa de manutenção.

**Arnaldo Niskier:** Você é presidente do CIEE nacional. Vivemos uma crise econômica indiscutível. Como o CIEE supera essa crise econômica?

**José Augusto Minarelli:** A crise econômica nos pegou em cheio. A redução de atividade ficou em torno de 30%, atividade e receita. Todos os CIEEs, a começar por São Paulo, fizeram ajustes na sua estrutura: ajuste no quadro de pessoal, nos investimentos de imóveis, substituição de atividade presencial por atividade on-line, readequação de espaços. Em São Paulo, por exemplo, colocamos à venda espaços que compramos na época de vacas gordas, espaços enormes que já não são mais necessários. Então, hoje, alugamos algumas salas por um valor muito menor do que a manutenção de um espaço imenso nosso. Mudamos um pouco de pensamento em relação ao patrimônio imobiliário. Houve uma época de consolidação e fortalecimento que se baseou em investimento imobiliário. Mas, hoje, com os recursos da tecnologia, podemos, em um espaço menor, ter um centro administrativo, ter espaço para atividade presencial em locais alugados e, com isso, conseguimos superar esse período. Os demais CIEEs coirmãos sempre fizeram o mesmo. Quando a receita diminuiu, a regra é simples: tem que diminuir as despesas. Todos os CIEEs racionalizaram, economizaram, compraram melhor, adiaram investimentos e, com isso, felizmente, o sistema nacional está saudável, está em condições de recuperar todo o tempo perdido nesses dois anos.

**Arnaldo Niskier:** Quais são as principais inovações que você busca na sua gestão?

**José Augusto Minarelli:** Estou muito feliz com os desafios que encontrei pela frente de encontrar um CIEE robusto, forte, mas em uma situação, em um ambiente diferente. O CIEE, por muitos anos, não teve concorrência. Hoje o CIEE tem muitos concorrentes. O CIEE viveu muito bem num modelo mais analógico do que digital. E como o mundo muda, o CIEE também precisou mudar. Nesse sentido, a contribuição que tenho dado é de juntar as forças dos vários CIEEs existentes, são sete ao todo, o de São Paulo e os autônomos. Dessa forma, graças à sinergia dos recursos humanos, do prestígio da marca e das atividades meritórias de assistência social, o CIEE tem vencido a crise, crescido e feito a lição de casa, que é inovar. Quando fui eleito, encontrei um Conselho Consultivo composto das pessoas que trouxeram o CIEE até o presente momento. Essas pessoas que foram fundadoras e deram grande contribuição, com o passar do tempo e da vida, envelheceram e já não podiam dar a mesma contribuição. Além disso, o mundo não espera, vai se transformando e passamos a precisar de novas competências.

**Arnaldo Niskier:** Fala-se muito em CEBAS. O que é o CEBAS que tanto incomoda o sistema dos CIEEs?

**José Augusto Minarelli:** CEBAS é a sigla do Certificado de Entidades Beneficentes de Assistência Social. E entidade de assistência social pode se beneficiar de imunidade tributária, o que reduz muito o custo da sua operação. É preciso ter uma atividade de natureza social, socioassistencial e educacional, ter registros nos órgãos de assistência social das prefeituras, prestar contas e ter governança para merecer esse certificado, que é renovado a cada gestão. Então, o CIEE, felizmente, é reconhecido por esse certificado em todos os estados. E para dar sustentação a esse compromisso, quando comecei a gestão (que foi a pergunta anterior), precisei fazer algumas alterações. Temos governança. Governança é uma exigência para que uma entidade do porte do CIEE tenha uma administração profissional, séria, transparente, com aplicação dos recursos ganhos comprovados. Comecei mudando a estrutura do Conselho de Administração, que é um dos órgãos da governança. Esse conselho era composto de advogados e homens. Pela primeira vez, incluí duas mulheres não advogadas, profissões diferentes para ter ângulos diferentes. Trouxe um antigo estagiário, agora já aposentado, que trabalhou numa grande organização industrial, internacional e que é conselheiro de grandes organizações. Trouxe um advogado trabalhista, mantive o empresário de longa data de segmento industrial. E para o Conselho Consultivo, que é o Conselho de 25 pessoas, trouxe mais mulheres. Hoje somos, aproximadamente, 50% homens e 50% mulheres e de profissões distintas, inclusive de algumas atividades de ponta. As atividades de ponta estão ligadas à inovação e à transformação digital, as quais estamos em processo acelerado de implantação.

# J Livros e Autores

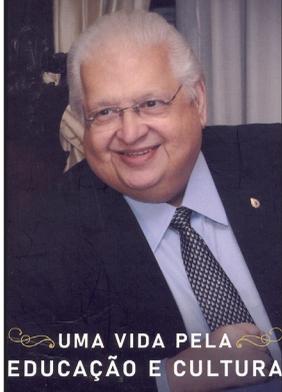
por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



CARLOS ALBERTO SERPA

## UMA VIDA PELA EDUCAÇÃO E CULTURA



A biografia *Carlos Alberto Serpa – Uma vida pela Educação e Cultura*, segundo definição do autor, é quase um “relatório de vida, escrito com muito amor e esperança, dedicado especialmente aos jovens”. Lançado em meio às comemorações aos 80 anos do autor, completados no dia 7 de abril de 2022, a obra, de 304 páginas, é dividida em duas partes, em que Serpa aborda desde suas referências ancestrais, com homenagem ao avô, Justiniano de Serpa, fala da importância da mãe, Julieta, e da esposa, Beth, passando pela infância, adolescência, formatura, capacitação profissional, prêmios, produções e projetos diversos nas áreas de educação e cultura, além dos sociais.

Formado em Engenharia Industrial e Metalúrgica na PUC-Rio, Carlos Alberto Serpa foi assumindo cargos importantes na universidade, até se tornar reitor interino, aos 27 anos.

Aos 80 anos recém-completados, tem como um dos maiores orgulhos do seu legado para a educação a idealização, em 1971, da Fundação Cesgranrio, referência nacional na área de avaliação, que unificou os vestibulares do Grande Rio. Presidente da instituição desde então, dirige, entre outros, a Casa de Cultura Julieta de Serpa, a Companhia de Teatro Julieta de Serpa, o Teatro da Cesgranrio, a Academia Brasileira de Educação (da qual é presidente), a Orquestra Sinfônica Cantores da Cia. de Atores da Casa Julieta de Serpa e, ainda, projetos sociais, como o “Apostando no futuro”, no Rio Comprido.

## CONTATO

A coletânea *Contato* (2021) é o resultado do desafio aceito por escritores mineiros que, momentaneamente, afastaram-se de seus habituais escritos e enveredaram no gênero da ficção científica. Todos trazem em comum igual admiração pelo projeto *Livro de Graça na Praça*, que completou 19 anos, buscando a democratização da leitura por meio da produção e distribuição gratuita de livros em praças públicas. Com o apoio da Academia Mineira de Letras, cerca de 2 milhões de leitores já foram beneficiados.

Os contos receberam coordenação de José Mauro Costa, que agradeceu os textos, na introdução: “meu reconhecimento a todos os escritores que aceitaram esse chamado. Comungam no mesmo ideal de nosso evento: Educação, por intermédio de ler e escrever, como importante alicerce no desenvolvimento do nosso Brasil.”

No prefácio, Eugênio Ferraz fala sobre a desafiante tarefa de escrever ficção científica: “Como a heresia em se dizer ‘espaço de tempo’ em vez de ‘período já foi superada, na mistura de espaço e tempo tudo pode ser imaginado como o foi por gênios da ficção científica passada e o será por gênios da ficção científica presente e futura, cujo próprio nome ficção não nos deixa sequer imaginar o que virá pela frente, em momento próximo e em tempo e espaço, não tão longínquos...”



## METENDO A COLHER

*Metendo a Colher: Coletânea de artigos e outros textos sobre violência contra a mulher* (Editora Gryphus, 2022) é uma coletânea de artigos sobre a violência de gênero publicados em diversos veículos de comunicação, entre janeiro de 2021 e janeiro de 2022, levantando a preocupação com a cultura machista que ainda permeia muitas de nossas relações sociais. De natureza multidisciplinar, a maioria dos textos é do organizador da obra, Wagner Cinelli de Paula Freitas, mas há importantes contribuições do acadêmico Zuenir Ventura (*O Globo*), Melissa Duarte, Renata Izaal, Camille Pezzino, Paulo Alonso e Gabriela Zimmer.

O foco principal que perpassa toda a obra é a violência praticada pelo homem contra a atual ou ex-companheira. Engloba, nesse contexto, diversos assuntos, como o ciclo da violência, a importância da proteção à mulher e a necessidade de seu empoderamento social. O título inspira-se no ditado “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”. Ao final, um poema que aborda um caso de violência perpetrada por um marido abusador contra uma vítima que não compreendeu a tempo a gravidade da situação em que vivia. Por situações como essa e por tantas outras, não meter a colher é coisa do passado – daí a relevância do verbo no gerúndio: “Metendo a Colher”.



## O ESPETÁCULO NÃO PARA

Em *Domingos Montagner – O espetáculo não para* (Máquina de Livros), Oswaldo Carvalho narra a trajetória do ator, teatrólogo, palhaço, empresário e produtor Domingos Montagner, da infância em Tatuapé à tragédia que o levou, aos 54 anos, no auge do sucesso, em 2006, tragado pelo Rio São Francisco, na época em que gravava a novela “Velho Chico”.

A história de Domingos se confunde com o renascimento do circo no Brasil, entre o fim dos anos 1980 e os 1990. O autor também reconstrói histórias do cinema e da TV, quando o protagonista se tornara alvo de disputas entre diretores, ao mesmo tempo em que encantava colegas pela humildade e generosidade.

A obra foi escrita a partir de vasta pesquisa documental e de entrevistas com mais de 80 parentes, amigos, artistas, diretores e profissionais que participaram de todas as fases da carreira de Domingos. Desde o inseparável parceiro Fernando Sampaio e o saudoso Luiz Gustavo (que fez um texto especialmente para o colega, reproduzido no livro) até estrelas com quem contracenou, como Antônio Fagundes, Lília Cabral, Ingrid Guimarães, Cauã Raymond, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Camila Pitanga, entre outros. O texto da orelha é da atriz Denise Fraga, amiga que conviveu de perto com Domingos.



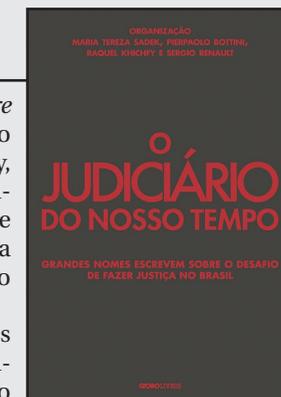
## O JUDICIÁRIO DO NOSSO TEMPO

*O Judiciário do nosso Tempo – Grandes nomes escrevem sobre o desafio de fazer Justiça no Brasil* (Globo Livros), organizado por Maria Tereza Sadek, Pierpaolo Bottini, Raquel Khichfy, Sergio Renault, reúne artigos de alguns dos maiores especialistas em assuntos ligados à Justiça brasileira, refletindo sobre suas atividades profissionais. Entre os autores, a ministra Cármen Lúcia, que assina, junto com Maria Tereza Sadek, o artigo *Transparência e Poder Judiciário*.

Em linguagem simples e acessível, dividida em três grupos temáticos, a obra aborda questões múltiplas, como a transparência nas atividades dos órgãos jurídicos, o encarceramento em massa, o papel fundamental da Defensoria Pública, o poder investigativo do Ministério Público, os desafios para um Judiciário mais inclusivo, a rotina das Varas da Infância e Adolescência, a liberdade de expressão, a confiança na justiça como pilar para a democracia, entre outros.

O resultado reúne diversos pontos de vista relevantes expostos por ilustres juizes, juristas, advogados, professores, promotores, defensores públicos, economistas, cientistas sociais, empresários e jornalistas.

*O Judiciário do nosso Tempo* é um convite a todos os brasileiros que desejam uma nova forma de compreender o sistema judicial brasileiro. O livro traduz também os motivos pelos quais o Judiciário é uma peça fundamental para a consolidação e o aprimoramento da nossa democracia.

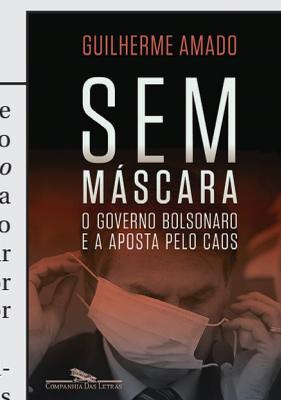


## SEM MÁSCARA

Com base em apuração exaustiva e acesso às fontes que gravitam o núcleo do poder, o jornalista Guilherme Amado lançou, pela Companhia das Letras, *Sem máscara – O governo Bolsonaro e a aposta pelo caos* (2022). Fundamental para a compreensão do Brasil de hoje, a obra reconstitui, ao longo de 448 páginas, os bastidores do governo Bolsonaro a partir da eclosão da pandemia de Covid-19, oferecendo ao leitor um retrato implacável do governo em seu momento de maior tensionamento com as instituições.

Com prosa ágil e domínio narrativo, Guilherme Amado transita com facilidade dos lances da grande política aos conchavos de gabinete, fazendo a crônica da presidência durante seu período de mais aguda instabilidade institucional. Dando atenção tanto a personagens-chave da cena política quanto aos que habitam as sombras, o autor escrutina a aposta dobrada pela radicalização ideológica e pelo caos como método e motor do bolsonarismo.

Guilherme Amado é jornalista investigativo. Colaborou para os periódicos *O Globo*, *Época*, *Veja* e *Extra*. É *John S. Knight Journalism Fellow* na Universidade Stanford e integra o Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ). Em 2014, recebeu os prêmios Esso e Tim Lopes com a reportagem *Os embaixadores do Narcosul*. Atualmente, é colunista no *Metrópoles* e diretor na Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji).



# Adrede

Por Antônio Máximo

*“De Propósito, de caso pensado; intencionalmente; previamente.”*  
**Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**

“Ooohhhh!”

A gigantesca nave, posicionada na Candelária, expandia seu tamanho e cobria a Presidente Vargas num diâmetro de círculo bastante irregular, emitindo estribilhos sonoros e vários feixes de luz sobre a multidão na Central do Brasil agora silenciosa.

Se se tratasse de uma estratégia à destruição humana, o que importava, para a economia de meios, era o que sucedera irrompendo na Presidente Vargas a massa humana voltando-se contra si mesma e, a um só tempo, arrebatando bancos, prédios públicos, privados, o que mais encontrasse nas margens da larga avenida.

Indispensável usar os olhos e ouvidos de Minervina, a professora primária moradora de Benjamin do Monte, à espera do trem:

“Se eu tivesse sido Profeta, não acharia estranho essa procissão.”

Minervina convivia com singularidades com uma certa regularidade. Jeibysson, seu filho, – a quem aguardava na Central – ainda bem pequeno, um ano e meio, imitava o relincho vindo da Praça dos Cavalinhos, na Tijuca, onde moraram, escondido atrás da cortina, trepado no alto da grade da janela do quarto. Ouvir um Profeta inviável, em meio ao caos provocado pelo inusitado de uma aparição alienígena, portanto, não era problema.

“Já não conheço mais o meu povo. Surpresa boa.”

As palavras de Jeremias para o desespero assaltando a cidade, enquanto Jeibysson, ao invés de encontrar-se com a mãe, afastou-se, virou na Irineu Marinho, queria matar a curiosidade e entrar no prédio de *O Globo* onde costumava deixar, na portaria, quentinha, salgadinhos e sanduíches de pernil do emprego no botequim da esquina arranjado por Minervina a fim de tirá-lo da rua, da bola o dia inteiro, da ociosidade sem culpa nem projeto. Pulou a roleta, subiu a escada, foi ao terceiro andar na editoria de arte, para onde sempre havia entrega, um mausoléu de geometria fria, guichês de vidro delimitando compartimentos calculados, fantasmagóricos, como fogo-fátuo. *O Globo* mudara-se, ficara longe do botequim. Demitido, Jeibysson não conhecera sua portaria nova.

Na rua, era esperado por Jeremias, a quem conhecia da rotina do trem e que, instado por Minervina a ajudar a encontrar o filho, o viu justo no momento em que dobrava a esquina da rua de Santana.

“Torno a trazer isso à mente, portanto, tenho esperança.”

“Qual a boa?” – Jeibysson já percebera um meio de comunicar-se.

“Lembro bem. A Rio 92 estava pra começar, voltava de Saquarema, parou tudo na Ponte porque passava lá embaixo, no Rio, a comitiva do Bush, que acabava de chegar. Dez da noite, mais ou menos. Sem previsão, até tudo normalizar pela segurança. Pedi ao motorista que me abrisse a porta, voltei pra Niterói pra pegar a barca pro Rio andando encostado na mureta da Ponte, a Baía de Guanabara, à minha esquerda, um precipício e ameaça, e, de repente, o tráfego começa a fluir, cada carro que passava estourava o farol ameaçando menos a minha cara do que o deslocamento de ar dos ônibus, sobretudo da 1001. Não caí e a barca me trouxe, e agora torno a trazer isso à mente pela esperança que um dia este prédio me nutriu.”

Logo encarava o mausoléu, com a identidade perdida no tempo, que fez Jeibysson notar a cronologia. A Rio 92, conferência mundial sobre o clima que conhecera no livro didático, fazia parte da experiência do artesão sexagenário, ágil, adversário para qualquer alienígena.

Jeremias leu a curiosidade de Jeibysson de que era o velho maluco que volta e meia aparecia em memes.

“O papo do maluco com o que você me associou, me olhando, me perguntando qual era a boa, estava em que na Ponte eu não tinha outra alternativa que tentar. Vou melhorar: a medida da minha loucura não foi pedir ao motorista que me deixasse sair do ônibus para andar pela ponte àquela altura, tampouco posso estar maluco, agora que você me vê direto com os olhos. Estaria, de fato, se contasse essa história aleatoriamente, sem relação com o fato de encontrar-me aqui, diante deste prédio abandonado, como abandonada parece toda a cidade, pelo desfile que fazem ali, na Presidente Vargas, sem Carnaval, sem fantasia, em silêncio. Voltava de Saquarema com um conjunto de desenhos que pretendia levar à editoria de arte de *O Globo*. Ansioso, chegar rápido, tomar um banho, evitar a comunidade, esticar a esteira e dormir o sono dos justos para a manhã seguinte e redenção.

Uma pausa.

“Queda, expiação, redenção. O mito do herói, que você deve ter ouvido da sua mãe. Minervina é muito límpida, fácil à observação, professora que organiza muito bem as ideias alheias. Portanto, deve ter-lhe contado muitas histórias. Minha queda foi de pouca altura, trabalhava como arte-finalista na Manchete, ali no Russel e elevação, se tanto, vinha de trabalhar no décimo andar numa obra de Niemeyer. Não interessa a razão. Queria voltar a trabalhar na imprensa, retornar ao ponto de partida, ao trazer pra este prédio todos os desenhos que havia feito em Saquarema. Passou. Minha preocupação agora é sobreviver, sobreviver, sobretudo, a esta guerra

de mundos. E, pra encerrar, se é que estejamos à beira do fim do mundo, lembre-se, sempre, Jeibysson, de Jeremias, o Outro: ‘quero trazer à memória somente o que me pode dar esperança’”.

É aí que entra Aldeído Caneta. Jornalista, poeta, escritor e modelo, Caneta conhecera a decadência bem cedo e, ao contrário de Jeremias, que não conseguira o emprego no jornal, manobrava os carros no estacionamento e residia na cobertura num anexo estreito à casa das máquinas, com boa ventilação, mas barulhento. Assim, o salário de Caneta acabava sendo duplo, pelo acréscimo do de vigia. E foi justo no terraço do prédio que viu com toda nitidez a nave na Presidente Vargas. Os alienígenas vindo – pensou – fizeram-no tomar-se de um entusiasmo há muito ausente. Lembrou-se há tempos da falta de educação de um colega: muitos carros para despachar, a entrada e saída congestionada, o sujeito não apenas deixa o carro na entrada, sai, abre um envelope, lê rapidamente, amassa e joga fora. Não tivesse receio de perder o emprego, teria confrontado o comportamento do colega, editor da casa. Pegou o papel, endereçado diretamente ao colega, e guardou pra ler à noite no anexo. Não havia internet. O e-mail ainda consistia em escrever cartas, geralmente à mão. E naquela estava escrito o que agora entregava para Minervina, que conseguira falar ao celular com o filho descobrindo onde ele estava, ao descer do prédio.

“O jornal saiu daqui, mas eu continuei. A senhora gosta de ler? Professora? Então, irá adorar o que tenho no bolso. Leia.”

*O Dia do Contato*

*As paredes de tijolos brilhavam cobertas por espessa luz azulada. Drexter Found havia ajustado os spots que colocara com a autorização do NSDC e que tanta celeuma causara aos céticos por considerá-lo uma fraude, charlatanismo barato. Estavam todos presentes, John Sfinkbair e Sule Tedwaquer, os que primeiro receberam os sinais, olhavam os caracteres na tela com a ansiedade de quem não pode piorar a espera pelos captos de tungstênio localizados na garganta do Grand Canion. Foi quando, já desgastados pela expectativa, começaram a ouvir as evidências, as primeiras naves na atmosfera fazendo tremer as barrouquilhas de cerâmica que se ligavam aos computadores do NSDA. Tremeram junto. Era um momento muito especial. O espírito americano provava ao mundo que nele a humanidade podia não apenas confiar, mas devia ter certeza da proteção efetiva para o que fosse preciso fosse, na aliança amistosa que se abria nesta nova página da humanidade, no combate guerreiro contra uma eventual invasão alienígena. Um imensa roda de sombra, espessa, seguida por intensa mancha azulada, que se espalhava como um cobertor estendido devagar sobre os edifícios; de fato, as barrouquilhas cerâmicas acionaram logo as câmeras digitais. Eis a Nave Mãe, um gigantesco monolito cinza, de miolo bruxuleante, azul, muito azul, de onde emanava a luz que banhava aquele crepúsculo da capital. Àquela altura, a avenida estava toda tomada e, na abertura da goiva cilíndrica da base da Nave Mãe por onde uma rampa era esticada e espargia uma lente líquida transparente, Rico Hernandez, periodista mexicano e correspondente da Prensa Latina em Washington, anotou, acrescentando ao conhecido ditado: “não estamos mais apenas longe de Deus e tão perto do Estado Unidos. O Diabo agora foi reforçado...”*

A carta constituía um documento longo, razão pela qual o editor só lera a primeira página, bobagem, amassara e a jogara fora.

Minervina prossegue, alcança o trecho da próxima aparição dos alienígenas, aqui nomeados “Lunares Setentrionais”. John Sfinkbair e Sule Tedwaquer são novamente citados, fazem parte de uma rede dita científica, na qual conta, como integrantes, entre outros, um perfil brasileiro chamado MANUAL.com (Movimento Amplo do Núcleo de Ubiquidade Alienígena).

Minervina entrega-lhe o papel.

“Pode ficar.”

O ministro pegou o celular.

“Sem sinal! Sem sinal!?”

“Ministro, pedi que prestasse atenção para o que acaba de ocorrer no Rio de Janeiro. Recebi o informe...”

“Sem internet?! Sem sinal de celular?”

O ministro não só não pratica a atenção em sua rotina, como também não gosta muito de viver na realidade.

“Sem televisão, ministro... como dizia, ou melhor, como diria ao ser interrompido, recebi um informe de agentes infiltrados na Aldeia Indígena usando técnica de comunicação aprendida no local que o Rio de Janeiro está sob ataque. Alienígenas confirmando as previsões do MANUAL. Felizmente, concretizados todos os argumentos e justificativas nas diversas exposições de motivos com que retornava em pleito insistente para a liberação prioritária de verbas para as pesquisas do MANUAL.”

João Waine trocava olhares com o ministro, que os desviava para não ter a impaciência e irritação ampliadas pelo cowboy. Já bastara ter sido aquele oficial arrogante e não ele, ministro, o primeiro a ouvir direto da Aldeia Indígena. O Ministro gostaria de saber quem lustrou as botas de couro de jacaré de João Waine.

“Belas botas, Waine. Quem lustrou?”

“Café amarelo. Aipim roxo. E o bode branco não leva nada? O senhor não deve ter me convocado para que eu sáisse daqui sem nada para os criadores de bode branco. Certo?”

De repente, um apagão.

# A mulher do trapezista

Por Gabriel Chalita\*

Ele já se aposentou. O circo já nem mais existe. O trapézio, onde o vi pela primeira vez, sabe lá Deus onde estará descansando. Mas foi assim que fiquei conhecida, “a mulher do trapezista”. Lembro-me daquele dia como se fosse o dia escolhido para o mundo me explicar o sentido do amor.

Era um entardecer de sábado. Eu fui com algumas amigas ver o circo. Havia alguma dor que me incomodava. Talvez até uma febre. Pensei em não ir e fui. O mundo do circo sempre me fascinou.

Havia uma mulher que gostava das conversas um pouco reais, um pouco inventadas, que morava na casa ao lado da dos meus pais e que contava uma história de uma mulher de prefeito que fugiu com um domador de circo. Os detalhes eram tão ricos que me fixei no homem com a autoridade para silenciar os leões.

Sempre tive dúvidas se tratavam bem ou não os animais, desde aqueles distantes tempos. Convenci meu pai a não ter passarinhos em casa. Costume triste que tinha toda a sua família. De armar armadilha para impedir os voos futuros de um distraído pássaro. Imaginava a mim mesma, presa em algum lugar que me impedisse de ser quem sou.

Era o último número, o trapézio. Os homens se posicionaram para encantar. As brincadeiras com o corpo, os saltos, a elegância, a qualidade de cada movimento. E a música era um convite para penetrar em um outro mundo. Os aplausos finais foram esfuziantes. E foi, nesse momento, que nos vimos. Eu atormentada com o seu olhar. Ele com o sorriso dos decididos. Minhas amigas perceberam. Saímos com a lentidão de quem espera. Brincaram comigo. E foi assim que ele chegou. E foi assim que ele me convidou para conhecer o amor.

O casamento se deu entre os artistas de circo e as professoras da escola onde eu lecionava. Outro casamento ali surgiu. Parecia que os ventos que ventam surpresas chegaram sem economias em nossa pequena cidade.

Viajei com ele durante algum tempo. Quando podia. Quando vivia as férias. Em outros, ele me surpreendia, conseguindo folgas para me fazer viver noites de encantamento.

Depois do segundo filho, ele se aposentou e viveu de cuidar de um comércio que abrimos juntos. Poucos meses se passaram da decisão precipitada. Alguma coisa me dizia que algo faltava nele. Não seria eu a gaiola daquele pássaro lindo que voava nos picadeiros, iluminando de emoção a vida das pessoas. E foi assim que eu resolvi decidir por ele. “Você nasceu para a arte, voa, meu trapezista.”

Foi um dia depois de um aniversário seu que ele voltou ao circo para lá ficar até o dia em que as pernas explicaram o cansaço e que a vida, na cidade pequena, emprestou um outro tipo de arte. Virou entendedor de jardins e de árvores frutíferas. Esculpiu esculturas lindas. Todas sobre liberdade. Meu homem nunca perdeu a beleza. Seus cabelos embranquecidos combinavam com o corpo mais bronzeado da lida da terra. Suas mãos grandes ganharam calos, mas nunca perderam a delicadeza ao tocar meu corpo. Para além dos ditos de amor, as vicissitudes. Teve que se equilibrar, muitas vezes, nas durezas da vida. Sem jamais perder a elegância.

Vivemos uma vida plena. Temos a memória dos aplausos e o prazer do silêncio. Vez em quando, conto histórias da escola onde me aposentei, depois de uma vida dedicada a retirar os véus dos medos dos meus alunos, para que experimentassem a possibilidade de decidir. A coragem de serem eles mesmos e de, inclusive, viverem os riscos dos tantos trapézios da vida. E, então, ele me presenteava com as histórias de superação. Com alguma queda, em alguma ousadia nova para encantar o público. Os riscos dos voos humanos.

Temos saudade do que fomos, mas felicidade do que somos. Prosseguimos amando na nossa idade, do nosso jeito. Os nossos filhos já voaram para fazer os seus ninhos. Nada de gaiolas por aqui. E nós agradecemos a felicidade dos amanheceres acompanhados de amor nos entardeceres da nossa vida.

\*Gabriel Chalita e membro da Academia Paulista de Letras.

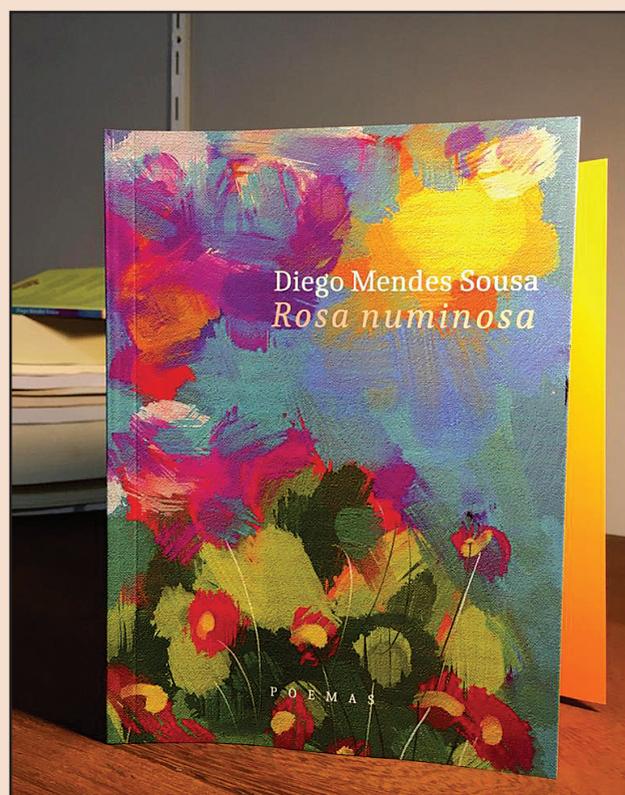
# Rosa numinosa

Por Décio Torres\*

*Rosa Numinosa*, o novo livro de Diego Mendes Sousa, é daqueles livros que nos fascinam do início ao fim. São belos poemas escritos com muito esmero e que tocam lá no espaço mais profundo de nossa alma. Possuidor de um vasto conhecimento da mitologia universal e da história de sua terra (que nos é transmitido de modo bastante atraente) e de um vocabulário cuja sofisticação é tornada simples na singeleza de seus versos, o autor cativa o leitor com seu ritmo cadente que nos embala e nos inebria com sua beleza.

O poema “Gesta da coroa de louros ou de espinhos”, dedicado a seu pai, possui uma pungência encantatória, com versos curtos que nos conduzem por uma narrativa lírica até um final de uma beleza arrebatadora que quase nos leva ao pranto. Este é apenas um dos exemplos dos versos encantadores desse grande poeta, que demonstra um imenso amor à natureza, à sua terra, ao seu país e a todas as pessoas que habitam este planeta.

Com prefácio do também excelente poeta cearense Clauder Arcanjo (cujo livro *Sinos* já resenhei), textos de orelha de Roberto Nogueira Ferreira e Ronaldo Costa Fernandes, e apresentação de Noélia Ribeiro, o livro possui uma linda capa e belas ilustrações do designer editorial Paulo Moura. Pode ser adquirido diretamente com o escritor, já que se trata de uma edição do autor, com um excelente trabalho gráfico da Gráfica do



Povo de Teresina, que transformou o livro em um deleite aos olhos, nos proporcionando o prazer tátil do papel aveludado de sua capa.

Diego Mendes Sousa, além de poeta, é crítico, cronista e memorialista. Nasceu na Parnaíba, na costa do Piauí e já publicou dez livros de poemas antes deste. Vale muito a pena a leitura desse livro e a divulgação desse autor que, nas palavras de Nélida Piñon na quarta capa,

“abre picadas” e “é um ditador de modas poéticas”.

\*Décio Torres Cruz é poeta e crítico.

# O tesouro de Otto Lara Resende

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Ser humano de notável brilho intelectual, o acadêmico Otto Lara Resende teria completado 100 anos de vida no dia do trabalhador. Nascido no dia 1º de maio de 1922, em São João del-Rey (Minas Gerais), o quarto dos 20 filhos do professor Antônio de Lara Resende e Maria Julieta de Oliveira veio ao mundo com um talento sem igual para a conversa.

Em seu centenário de nascimento, várias homenagens irão celebrar o jornalista e escritor, que brilhou tanto na vida profissional, quanto pessoal. Uma das mais comentadas virá dos alunos da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro (que soma 1.543 unidades de ensino). Otto Lara Resende foi escolhido como o autor homenageado na Ciranda com Autores (em substituição a Ziraldo, por motivos técnicos). O concurso de redação movimentou as escolas municipais desde 2009. Os participantes estarão diante da oportunidade de conhecer mais a fundo a vida e a obra de um escritor fascinante, que nos abriu um leque de variações na escrita, com a mobilidade e fluidez de sua prosa.

Caso raro de cronista tardio, no finalzinho da vida, Otto Lara Resende (1922-1992) conciliou jornalismo e literatura com preciosismo ímpar. Dedicou-se à crônica com o mesmo rigor e disciplina de um sonetista. A construção de sua prosa unia o silêncio de um observador obsessivo e os devaneios de um distraído culto. Entre os hábitos de um bom ouvinte e o dom da escrita confessional, ensaiou uma poética irrepreensível. Alinhando matéria autobiográfica à literária, costurou tempos históricos distintos, alinhavando reminiscências e caprichos da memória, deixando como legado uma obra imperdível, que se firma, neste centenário, como um dos tesouros dos emergentes da literatura brasileira.

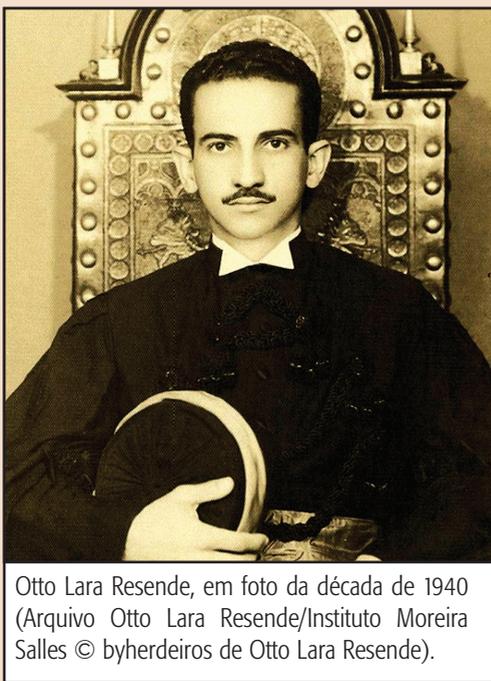
Entre outras homenagens para este ano, Helena Lara Resende e Marcos Ribeiro finalizam o documentário Otto, de trás para diante; Elvia Bezerra organiza uma coletânea de cartas a seis amigos (missivista compulsivo, dividiu muitas aflições por escrito) e Amir Labaki prepara o monólogo Eu, Otto. Não faltará material para trazer de volta à tona o radiante talento do imortal. Otto se foi para ficar, afirma quem conhece sua obra.

## TRAJETÓRIA

Com imensa capacidade de comunicação, fisgado pelo jornalismo aos 16 anos, Otto Lara Resende começou a colaborar em *O Diário*, de Belo Horizonte, onde seu pai era um dos dirigentes.

Pertenceu ao famoso grupo de intelectuais mineiros, que teve como expoentes, de projeção nacional, Emílio Moura, Guilhermino César (mais tarde radicado no Rio Grande do Sul) e, posteriormente, Hélio Pellegrino, Aníbal Machado, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Pedro Nava, e Carlos Drummond de Andrade, que se destacaram não só pelos laços de companheirismo, como, principalmente, pelo significativo valor de seus escritos.

Na capital mineira, formou-se em Direito na Faculdade de Ciências Sociais e Jurídicas, em 1945. Em seguida, deixou a direção do suplemento literário da *Folha de Minas* – que estivera sob seu comando por dois anos – e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde Paulo Mendes Campos, recém-



Otto Lara Resende, em foto da década de 1940 (Arquivo Otto Lara Resende/Instituto Moreira Salles © byherdeiros de Otto Lara Resende).



-chegado à então capital do país, virou seu companheiro mais constante. Com ele, Hélio Pellegrino e Fernando Sabino, Otto – que afirmava ter horror ao ressentimento – era dotado de atributos fundamentais para compor o lendário grupo conhecido como Os quatro mineiros, que a certo momento ele mesmo batizou de “os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse”.

Na década de 1960, Otto Lara, genro do governador de Minas Gerais Israel Pinheiro, fez parte da Embaixada do Brasil em Lisboa, na qualidade de Conselheiro Cultural, onde teve de procurar dar solução à difícil questão dos “excedentes” brasileiros matriculados em Universidades de Portugal.

Em 2 de outubro de 1979, tomou posse na Academia Brasileira de Letras como sexto ocupante da Cadeira 39, na sucessão de Elmano Cardim, recebido pelo acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco.

## CARTAS

As sólidas amizades que o escritor mineiro cultivou ao longo da vida podem ser conferidas na preciosa correspondência que trocou durante décadas com os melhores amigos, conservadas em arquivos particulares, hoje sob a guarda do Instituto Moreira Salles (IMS).

O escritor paranaense Dalton Trevisan (1925) é, de longe, o interlocutor mais copioso do acervo. Abaixo dele vêm Fernando Sabino, Carlos Castello Branco e Francisco Iglesias, que não chegaram a enviar duas centenas de cartas, cada um, mas expõem igual relação de respeito e querer mútuos.

Trevisan conheceu Lara Resende no Rio de Janeiro, em 1955, na casa de Fernando Sabino. Na época, trocou ideia sobre os contos que escrevia (Novelas nada exemplares). Otto já havia lançado a obra *O lado humano* (1952) e preparava-se para lançar os contos de *Boca do inferno* (1957), livro em que a infância é retratada sem a habitual inocência e que lhe renderia críticas severas.

A conversa na casa de Sabino continuou por meio de uma correspondência que se estendeu de 1956 a 1992, ano da morte de Otto, e fundou uma relação de amizade alicerçada em confiança, sobretudo, no que se refere a opiniões quanto à produção literária de cada um. Em relação aos textos de *Boca do inferno*, por exemplo, Dalton comentara em carta de 14 de fevereiro de 1956: “Vejo nele apenas um conto fraco – Dois Irmãos. Os demais mantêm nível esplêndido, com o sol de O segredo brilhando sobre todos eles. São contos perfeitos e acabados, como se diz em linguagem jurídica, e não trechos de romances.”

Parecia remoto que um deles publicasse algo sem o submeter à leitura do outro, ainda que tivesse de ouvir opiniões duras que a diferença

de estilo de ambos justificava: o econômico Dalton podia reclamar de excessos do amigo: “A objeção que eu faria não é a primeira vez que lhe faço: às vezes você explica demais, para meu gosto, é claro”, escrevia ele a respeito de Filho de padre, também de *Boca do inferno*, na mesma carta.

Os amigos usavam de franqueza rara nos palpites literários. Otto parecia, segundo suas cartas, ser implacável consigo mesmo e com seus próprios textos. Além de revisá-los e alterá-los obsessivamente, culpava-se pelo que julgava defeitos. Admirava a concisão do estilo que chamava “daltônico”, detendo-se nos elogios, ressaltando o “enorme poder de criação”, sem excessos, sem “beletrismo” do amigo, que considerava “um escritor de verdade”.

As idas de Dalton Trevisan ao Rio, geralmente para tratar de questões na editora José Olympio, rendiam tardes inteiras de muita conversa no escritório particular que Otto mantinha num apartamento, na rua Piratininga, que Geralda de Oliveira, cozinheira da família, chamava de “palacinho”.

Contistas por excelência, cada um deles publicou apenas um romance. Otto deixou, na carta ao amigo, com detalhes, o registro do penosíssimo trabalho de construção de *O braço direito* (1963), obra que Antonio Candido, no texto que escreveu para a quarta capa, chamou de “poderoso e estranho”.

Ambos tentaram escrever para teatro, mas interromperam o projeto. Otto deixou, em seu arquivo no IMS, apenas o primeiro ato do que seria Um cadáver sob o divã.

Como um todo, as correspondências do acervo revelam os sonhos, as ambições e, sobretudo, as angústias de escritores que, certos de seu destino, são atormentados pela insegurança, pela insatisfação, pela busca da palavra exata, da expressão enxuta, da construção perfeita e da fidelidade a um estilo.

Apesar de ter flertado com todas as formas de escrita, o exercício da crônica, no seu formato mais clássico (com coluna diária na imprensa), vingou com potência máxima no último ano de vida, quando o acadêmico mesclou, na mesma medida, a excelência do jornalismo com a literatura. Do dia 1º de maio de 1991 ao dia 21 de dezembro de 1992, assinou um total de 508 textos, publicados a convite da *Folha de São Paulo*. Segundo os críticos, “Otto dotou a crônica da mesma disciplina apregoada por João Cabral de Melo Neto, sem perder a cadência da conversa que perpassa a poesia de Vinícius de Moraes”.

## ESTILO LEVE

A ligação de Rubem Braga (1913-1990) com o grupo mineiro do qual Otto fazia parte – que Mário de Andrade chamou “os vintanistas” – começou, de forma indireta, em 1931, quando o então rapazinho capixaba, de 18 anos, chegou a Belo Horizonte. Na década de 1940, frequentariam as mesmas redações em que Rubem já brilhava.

Apesar de jovem, parecendo veterano, “o velho Braga” pavimentou o caminho de um jornalismo que conjugava rigor de dados com estilo leve, despolado, diferente do que se fazia na época, e, sem saber, preparou o terreno onde depois pisaria o quarteto mineiro.

Os vintanistas de Belo Horizonte desembarcaram na capital do Brasil ao longo da década de 1940 (com exceção de Hélio, o mais novo, que chegaria por último). Era natural que se unissem a Braga, conhecido no Rio desde 1936, quando lançou o primeiro livro de crônicas (*O Conde e o Passarinho*, sendo sagrado como “O Sabiá da Crônica”, apelido dado por Sérgio Porto, o humorista Stanislaw Ponte Preta).

Entre 1957 e 1959, Otto Lara Resende mudou-se com a família para Bruxelas (a “Bruxa”, como ele chamava). Foi ser adido cultural na embaixada do Brasil, na capital belga. Lá, aumentou o recebimento das cartas dos amigos. Com Braga, reencontrou-se na volta, não só nas visitas em casa, como também na redação da revista *Manchete*, onde trabalharam juntos. Dez anos depois, Otto assumiu outro posto de adido cultural, dessa vez em Lisboa, onde ficou de 1967 a 1969.

Conta Helena Lara Resende, viúva de Otto, que, depois da morte de Rubem Braga, um passarinho bicava, com regularidade, a janela de vidro da casa onde o casal morava, na Gávea. Otto dizia, meio divertido, meio sério: “Isso é o Rubem que vem me buscar.” Otto morreu em 28 de dezembro de 1992, aos 70 anos, dois anos depois do amigo.

## Bibliografia:

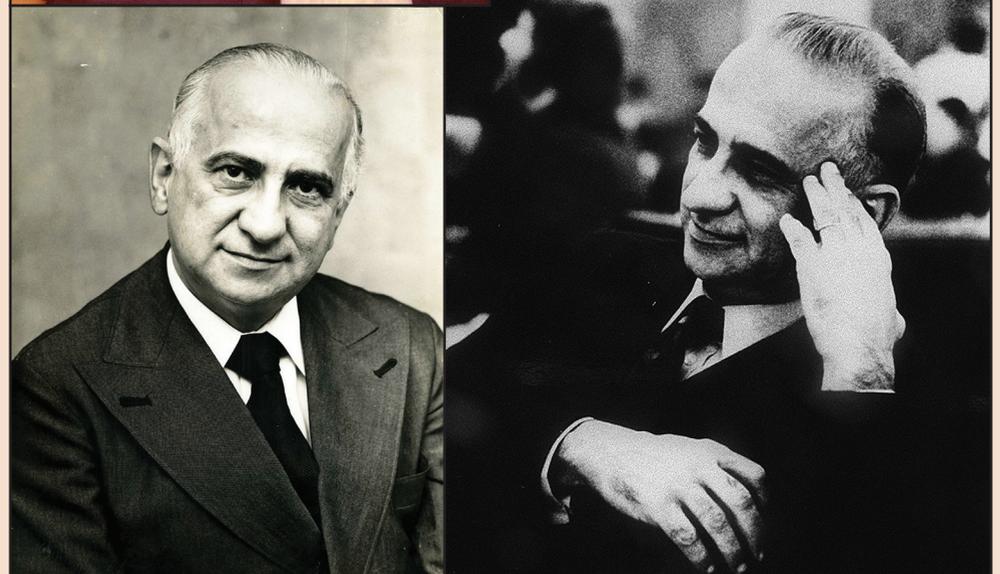
- O lado humano* (1952);
- Boca do Inferno* (1962);
- O retrato na gaveta* (1962);
- O braço direito* (1964);
- A cilada* (1965);
- As pompas do mundo* (1975).



Otto Lara Resende e Rubem Braga, em foto do acervo do Instituto Moreira Salles.



Otto Lara Resende apreciava programas culturais em suas viagens. (Arquivo Otto Lara Resende/ Instituto Moreira Salles © by herdeiros de Otto Lara Resende).



# Tempo, tempo, tempo, tempo

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: [amor.anna2014@gmail.com](mailto:amor.anna2014@gmail.com)

Nossa primeira página no JORNAL DE LETRAS aconteceu em junho de 1999! Ainda sem a beleza do colorido das belas capas dos livros infantis e juvenis, aos poucos fomos mostrando a importância da literatura infantil e juvenil para crianças e jovens. Como sempre afirmou o saudoso e querido Bartolomeu Campos de Queirós, a literatura não é para ensinar nada... mas ela ensina tudo.

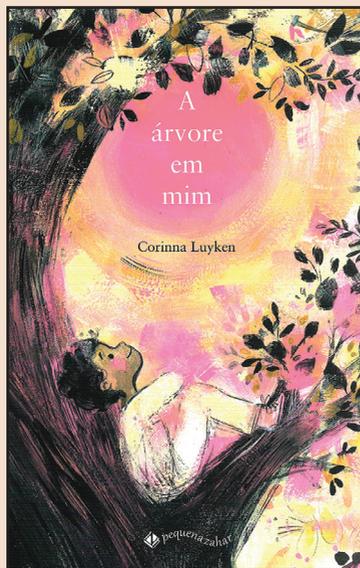
Nesses 23 anos, muitas coisas aconteceram, novas histórias, novos autores, novos ilustradores, novas editoras e projetos de leitura. Ultimamente, assombrados por questões econômicas e a pandemia, vimos editoras e livrarias fecharem, o mercado editorial encolher e parece que agora, precocemente sem máscaras, mas vacinados, a alegria dos encontros, abraços e eventos nos comove. O otimismo, a esperança e a fé, sob diferentes roupagens e credos, nos levam adiante, nos empurram para o amanhã, carregados de esperança em pessoas melhores e mais sensíveis aos menos favorecidos.

Agradeço ao meu professor e querido editor, Arnaldo Niskier, que me confiou a página com absoluta liberdade. E, assim, venho a cada mês encantada por acompanhar o desenvolvimento editorial em nosso país e a produção de livros com qualidade editorial reconhecida em todo o mundo. Afinal, as premiações internacionais demonstram esse valor, com os exemplos de Ligia Bojunga, Ana Maria Machado e Roger Mello.

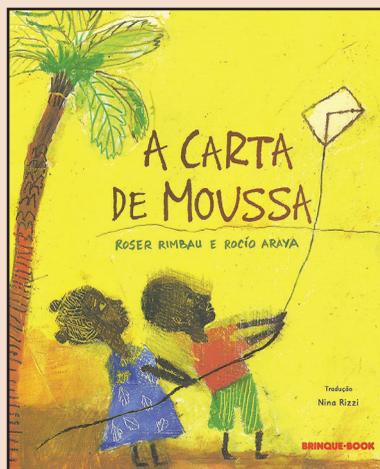
As feiras internacionais, especialmente a de Bolonha, na Itália, com obras infantis e juvenis de vários países, passaram a constar das agendas dos editores brasileiros, proporcionando novas visões estéticas e conceituais para a produção de livros.

As obras selecionadas para a nossa página de junho refletem tudo o que alcançamos nesses anos, lado a lado com publicações estrangeiras. As nacionais atingiram alto padrão de qualidade. É nisso que acreditamos e muito mais ainda virá!

*A Árvore em mim* – Texto e ilustrações de Corinna Luyken, tradução de Alice Sant'Anna (Pequena Zahar) – A beleza das ilustrações emoldura um poema singelo que mostra o sabor, o perfume, as cores e a força dessa poderosa árvore que trazemos dentro de cada um de nós. Lindo!

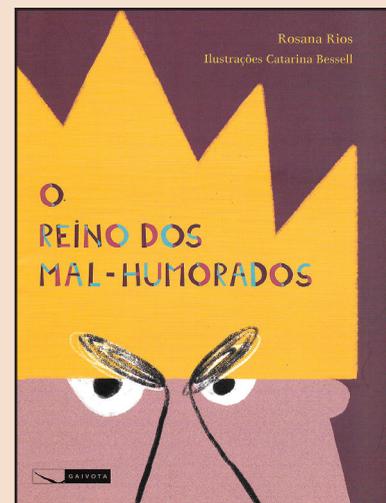


*A Carta de Moussa* – Roser Rimbaud escreveu e Rocio Araya ilustrou, tradução de Nina Rizzi (Brinque-Book) – Moussa quer escrever uma carta para o pai distante, mas está com muitas dúvidas e conclui que não pode colocar tudo o que vê e sente em uma única folha de papel. A menina Mariama encontra a solução. Fruto do trabalho para a integração das culturas catalã e senegalesa, realizado em Thille Boubacar, povoado ao norte do Senegal, próximo ao deserto de Saara, os



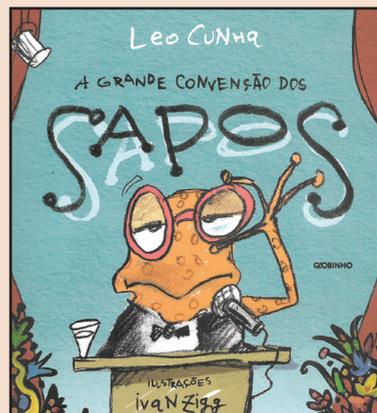
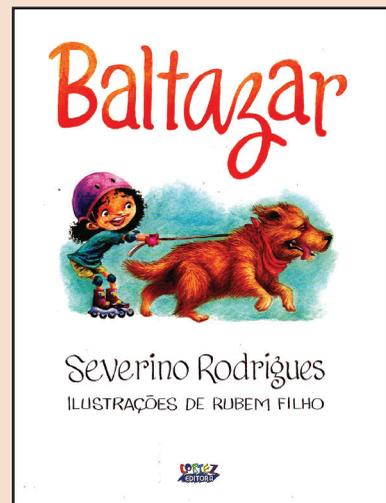
desenhos das crianças foram inseridos no livro, dando mais realidade ao projeto. Ao final, a apresentação do trabalho e dos envolvidos nos cativa pela importância e pela mensagem.

*O Reino dos Mal-humorados* – Rosana Rios escreveu e Catarina Bessell ilustrou (Gaivota) – Na metáfora da história de um reino onde só existem pessoas mal-humoradas, sombrias e adoentadas – começando pelo rei e a rainha –, sem qualquer espaço para o colorido das flores, a luz do sol ou belas melodias, Rosana destaca, na figura do menestrel que chega ao reino, a importância das Artes para o desenvolvimento psicológico e social, o retorno da alegria, da música, da dança e, claro, da felicidade! As ilustrações dão leveza e revelam situações divertidas da história com detalhes sutis dos “mal-humorados”, como o chapéu de cactos da rainha Carlota. Delícia!



*O que é Preciso pra ser Rei?* – Leo Cunha e Tino Freitas escreveram e Fê ilustrou (Pequena Zahar) – (E o meu nariz de farejar boas histórias logo coçou com a leitura desse texto.) Mais uma metáfora que apresenta de forma rimada e divertida como deve ser um bom governante. Sabedoria, empatia, compaixão devem ser qualidades de um rei? Saber partilhar, parar para ouvir, procurar compreender quem pensa diferente também são ações importantes? Tenho a certeza de que os leitores vão poder analisar rapidamente quais as qualidades necessárias para ser um bom rei e, vão poder concluir... quem não é!

*Baltazar* – Severino Rodrigues escreveu e Rubem Filho ilustrou (Cortez) – Andara, a Di, conseguiu convencer os pais a ter um cachorro. A família vai ao canil municipal buscar um filhote para adoção. Mas são tantas as possibilidades! Tantos filhotinhos! Mas a menina percebe que os cães mais velhos, muitos que sofreram maus-tratos, não são escolhidos e acabam permanecendo no abrigo para sempre. E aí, o olhar da menina e de Baltazar se cruzam... e começa uma história de muito amor e dedicação, refletidos nas belas ilustrações de Rubem Filho.

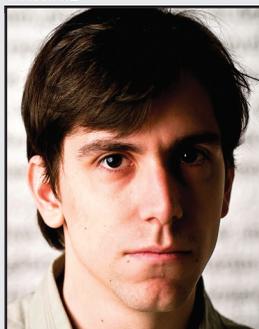


*A Grande Convenção dos Sapos* – Texto de Leo Cunha e ilustrações de Ivan Zigg (Globinho) – (E o nariz coçou de novo e o querido Lucas de Sena editou a história.) Leo Cunha é imbatível! Seus textos criativos e bem-humorados conquistam os leitores de imediato. Tendo como base a diferente forma de grafia na onomatopéia do som de sapos em diferentes idiomas, Leo cria uma verdadeira Babel, onde ninguém se entende, na convenção que reúne sapos de vários lugares e espécies. Os sons se misturam: coach-coach, ribbit-ribbit, gheko-gheko, croac-croac. A solução do problema surge do outro lado do lago... onde está acontecendo uma convenção de cães! As ilustrações do Ivan Zigg trazem humor e enriquecem as situações!

# JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



## ANTÔNIO XERXESKY

Escritor e tradutor, nascido em Porto Alegre, mas radicado em São Paulo, foi selecionado como um dos 20 melhores jovens escritores pela revista britânica *Granta*. Talvez sua obra de maior conheci-

mento seja *F*, livro finalista do Prêmio São Paulo de Literatura e também no Prix Médicis Étranger, como melhor livro estrangeiro traduzido para o francês. Seu primeiro romance, *Areia nos Dentes*, ficou esgotado muito rapidamente e, devido ao grande sucesso, acabou sendo traduzido para outros idiomas, como o francês e o espanhol. O livro brinca com temáticas como o velho oeste e zumbis, em um trabalho que até mesmo George A. Romero poderia ficar orgulhoso. O autor é um dos fundadores da Não Editora, dedicada totalmente aos jovens autores gaúchos, mas que hoje faz parte do selo da Editora Dublinense. Além disso, é responsável pela revista eletrônica de crítica literária *Cadernos de Não-Ficção*. Em 2007, começou a participar das coletâneas de Ficção de Polpa, focadas em narrativas curtas de gêneros como ficção científica e terror, sendo a primeira destas coletâneas, *O Desvio*, adaptada para a TV no programa Histórias curtas da RBS TV. Por falar em gênero de terror, sua obra *As Perguntas* é considerada uma obra-prima do que podemos chamar de pós-terror. Obras publicadas: *Areia nos dentes*, *F*, *As perguntas*, *Entre*, *A Página Assombrada por Fantasmas* e *A noite Ddescosturada*.

acervo JL



## JULIÁN FUKS

Julián Miguel Barbero Fuks é escritor e crítico. Filho de pais argentinos, o autor foi eleito pela *Granta*, em 2012, como um dos 20 melhores jovens escritores brasileiros. De seus prêmios, podemos destacar o Prêmio Jabuti, ganho em 2016 na categoria de romance, e também o

Prêmio Oceanos de Literatura em Língua Portuguesa com o livro *A Resistência*. Em *A Resistência*, temos um enredo incrível, baseado em uma aventura pessoal e um retorno ao passado, recheado de conflitos políticos e emocionais entre os personagens. Nada mais é que uma família latino-americana exilando-se da ditadura argentina e vivendo a experiência agri-doce do despejo do próprio país. Em seu livro mais recente, *A Ocupação*, acompanhamos um famoso prédio no centro de São Paulo, ao qual o próprio autor conheceu e entrevistou diversos moradores, a fim de amarrar uma trama complexa e reflexiva sobre a fragilidade da falta de moradia. Outra trama que se enrosca é a do protagonista, um homem que encara uma doença grave na família e sua própria perspectiva resiliente sobre o filho ainda à nascer. Com um toque tão humano e ao mesmo tempo peculiar, Julián nos transporta para realidades tão próximas da nossas, que temos muita dificuldade de entender o que é real, o que é autobiográfico e o que é imaginativo de suas palavras. Em suma, delicadeza e respeito com as palavras refletem bem seu jeito de escrita. Obras publicadas: *A Ocupação*, *A Resistência*, *Procura do Romance*, *Histórias de Literatura e Cegueira* e *Fragmentos de Alberto, Ulisses, Carolina e eu*.

acervo JL



## RAPHAEL MONTES

Surpreendeu o Brasil com o sucesso de seu primeiro livro, *Suicidas*, romance policial que teve início ainda na adolescência. Não apenas em ambiente nacional, mas diversos autores estrangeiros elogiam sua escrita, sendo um dos escritores brasileiros contem-

porâneos mais rapidamente aclamado em seu gênero literário. Mas não ache que são apenas histórias de assassinos doentios que o autor escreve. Em seu livro *Jantar Secreto*, colocamos o dedo na ferida da sociedade carioca e brasileira de modo geral, onde as oportunidades dos marginalizados está misturada no mercado informal e crime organizado. Nenhuma camada da sociedade está salva em suas linhas. Quando Raphael expõem as feridas, não está querendo um arranhão, mas uma total mutilação do que o Brasil se tornou. De fato, suas obras são impecáveis, em tramas que nos envolvem na comédia trágica dos seus personagens, nos patéticos esteriótipos da literatura criminal, mas indiscutivelmente fascinantes. Por mais cruel que possa parecer, qualquer um de nós pode estar fadado em ser um de seus personagens. Em seu mais recente livro, *Uma Mulher no Escuro*, acompanhamos um crime brutal ocorrido há vinte anos, sendo que a única sobrevivente tem que encarar o retorno do assassino, tudo misturado em um thriller psicológico instigante e sedutor. Obras publicadas: *Suicidas*, *Dias Perfeitos*, *O Vilarejo*, *Jantar Secreto*, *Uma Mulher no Escuro* e *Bom Dia, Verônica*.

# Quando os bons silenciam...

Por Peilton Sena\*

Diante do apocalíptico desencadear da violência que diariamente toma de assalto a nossa sociedade, surge uma inquietante pergunta: será que esses terríveis acontecimentos estão nos arrastando novamente para a idade das trevas?

Será que já não somos suficientemente humanos e bons para promovermos o amor e o respeito pela vida?

Diante das barbáries amplamente divulgadas pela mídia e que ecoam em nossas mentes como um doloroso grito de revolta, nos deparamos com uma verdade que machuca e inquieta: o ser humano já não parece tão humano assim. Seu lado animal, feroz, atroz parece que aos poucos está dominando a sua essência divina que somente amor e bondade pode produzir.

Às vezes me pergunto: como nos sentiríamos se estivéssemos no lugar de DEUS? Como deve estar o seu coração a presenciar seus filhos cometendo atos tão repugnáveis, tão desumanos?

Como será que está se sentindo Aquele que nos escolheu para amar primeiro? Aquele que imprimiu sua assinatura em cada criatura que criou, mas que na gente colocou algo a mais: a faculdade de amar, de ser bom, de nos reconhecer como irmãos e reconhecê-lo como Pai?

Escrevo esse texto com lágrimas nos olhos. E choro. Choro porque ao pressionar as teclas do computador me vem à mente a imagem do menino João Hélio preso ao cinto de segurança sendo arrastado pelas ruas do Rio de Janeiro; do menino de um ano e meio Mário Neto morto por uma bala perdida enquanto cortava o cabelo em salão de Mesquita; das primas Rebecca Beatriz de 7 anos e Emmylli Victoria de 4 mortas aos serem baleadas na porta de casa; da menina indígena ianomâmi de 12 anos estuprada e morta por garimpeiros...

Quereria chorar como uma criança inocente que traz nos olhos a pureza de

um mundo bom. Mas choro como um adulto que presencia outros homens, seus irmãos, a cometerem atos que envergonham e diminuem a nossa própria espécie.

Sei que minhas lágrimas não irão diminuir a violência nem trarão as vítimas inocentes e indefesas de volta (que pena, queria ter esse poder!)

Meu choro é um desabafo e um pedido de perdão:

Pai, perdoai-nos pela nossa falta de amor e humanidade; perdoai-nos porque estamos renunciando a plenitude da Vida e nos acostumando a sobreviver da pior maneira possível: nos devorando como animais irracionais, nós, seres pensantes.

Perdoai-nos porque, além de estarmos destruindo a nós mesmos, estamos destruindo também, em nome da riqueza e do progresso, a casa que criastes para ser nosso lar: o Planeta Terra.

Perdoai-nos porque já não vivemos mais para os passeios tranquilos com a família; para o jogo nas tardes de domingo com os amigos, para os encontros festivos num barzinho... Vivemos para nos proteger de todas as maneiras possíveis e imagináveis da violência: muros altos, carros blindados, cercas elétricas, câmeras, drones, armas... Mas nunca nos sentimos tão vulneráveis: o medo está no ponto e no trajeto do ônibus, na porta da escola e dentro da sala de aula; na fila do supermercado e do caixa eletrônico; na estação do metrô e no banco da praça; nas arquibancadas dos estádios e nas areias da praia, nos becos das favelas e na vitrine do shopping...

Dormimos e acordamos com medo. Temos medo do olhar e do sorriso do outro; temos medo de ser amigo, de nos relacionar, de nos envolver; tristes e solitários, temos medo de ser solidários.

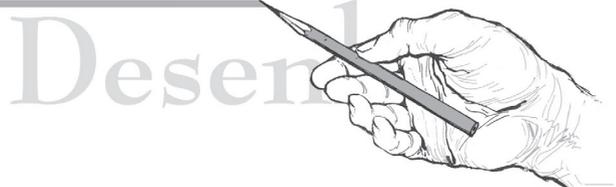
A violência está aí e há duas maneiras de se lidar com ela: fazer de conta que está tudo bem e que ela é um problema do governo, da polícia, dos marginais... ou entender que todos somos vítimas e, como tais, precisamos nos unir para enfrentá-la de igual para igual. Com mais violência? Não. Aí não haverá vencedores, apenas vencidos. Precisamos enfrentar a violência com as únicas armas que podem derrotá-la: o respeito à Vida, a prática do Amor, da Justiça e da Paz e os investimentos que devem ser feitos e bem feitos em Educação, Saúde e Esporte. Afinal, não podemos esquecer: quando os bons silenciam, a violência grita e proclama o seu reinado.

\*Peilton Sena é membro da Academia Santista de Letras e da Academia de Letras e Artes de Praia Grande/SP.



Por Zé Roberto

# arte Desenharte



zgrauna@hotmail.com

## MENDEZ NUMA BIOGRAFIA

### DEFINITIVA

Publicado pela Ediouro, em 1986, o livro *Caricaturas e Caricaturados – Dados Biográficos* foi a segunda obra do caricaturista Mário Mendez. O primeiro, pela mesma editora, começou a circular em 1962, ganhou o título de *Como Desenhar Caricaturas* (publicação que por anos foi referência de várias gerações de novos caricaturistas que começavam a surgir, e ganhou diversas edições com pequenas inserções, circulando com sucesso de vendas até o início dos anos 1980). Neste segundo livro, Mendez, além de apresentar algumas caricaturas inéditas, aproveitou para narrar, numa rápida autobiografia, um pouco de sua trajetória. Num texto recheado de bom humor, o caricaturista cearense, nascido no município de Baturité, conta como foi sua infância no Nordeste e como decidiu vir para o Rio de Janeiro, onde tornou-se um dos maiores nomes da caricatura brasileira. E foi essa minibiografia que auxiliou o professor e pesquisador Levi Jucá a desenvolver o ótimo livro *Mendez – Mestre da caricatura*, belíssima biografia ilustrada sobre o genial artista. Levi, inteligentemente, mapeou as anotações que Mendez nos deixou em seu livro, e buscou os detalhes de cada fato contado pelo desenhista de humor em 1986, incluindo e minuciando informações, nomes, acrescentando imagens e corrigindo datas, inclusive a de nascimento do artista que erroneamente era divulgada pelo próprio Mendez como de 1907. Nos textos que Mendez nos deixou, dizia que ele nasceu à zero hora do dia 25 de dezembro de 1907, porém a verve do pesquisador Levi Jucá fez com que o historiador localizasse o registro de nascimento do caricaturista no APEC – Arquivo Público do Estado do Ceará, cujo registro diz que Mário de Oliveira Mendes nasceu às 4 horas da manhã do dia 25 de dezembro de 1906. Um achado importante que mostra o zelo que o professor Levi dedicou à obra.

O livro, lançado inicialmente no IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará / Campus Baturité, em fevereiro passado, vem ganhando novos lançamentos em diversas localidades e sendo vendido pelos correios a preço convidativo. Com 256 páginas e mais de 350 imagens, entre ilustrações, reproduções de jornais e revistas, fotografias históricas, caricaturas e pinturas, a obra reúne um resumo do que foi a produção do genial caricaturista falecido em 21 de outubro de 1996.

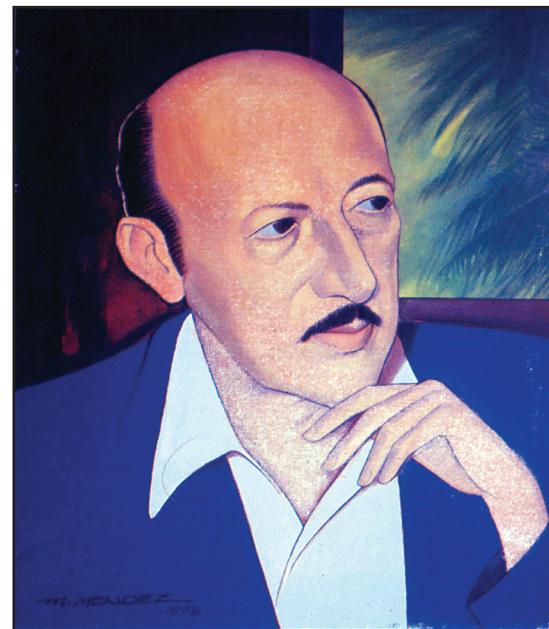
Fruto de uma pesquisa iniciada em 2017, a publicação do livro foi possível graças à Lei Aldir Blanc. Levi Jucá uniu seu novo projeto ao já existente Ecomuseu de Pacoti, entidade cultural sem fins lucrativos, da qual é fundador junto aos seus alunos e outros representantes da comunidade local, cuja missão é a pesquisa e divulgação do patrimônio cultural e natural da cidade de Pacoti, município do Ceará, situado na Serra do Maciço de Baturité. O Ecomuseu entrou como proponente junto à

Secretaria de Cultura do Ceará, possibilitando a produção e impressão do livro.

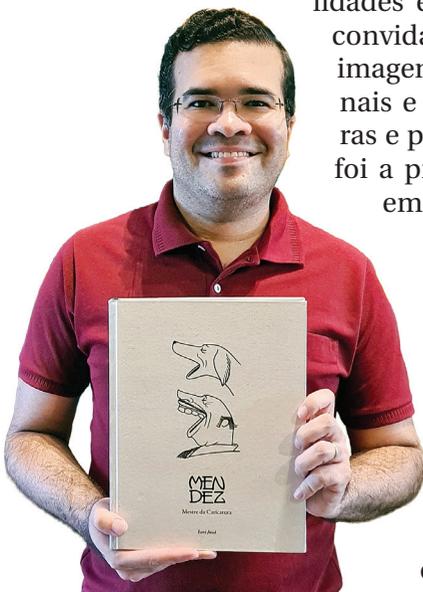
Provando que a caricatura é uma das ferramentas mais eficazes nos registros da nossa história, Levi sempre se interessou pelo tema, utilizando esta arte como adorno em suas aulas: “Sempre tive interesse pelo humor gráfico. Como professor de história, sempre pesquiso e utilizo charges e caricaturas de diversas épocas, como recurso didático”, afirma Levi. O historiador de 34 anos, apesar de jovem, já é um escritor de carreira, com 5 livros publicados, entre eles *Pacoti, História & Memória* (Premius, 2014), *Um Século de Magia: Origens de um eEmpreendedor à frente do seu tempo* – obra biográfica sobre a trajetória do empresário Luiz Severiano Ribeiro (Geográfica, 2017), *Filhos de Guaramiranga* (LCR, 2019) e *História de Pacoti em Cordel* (Tupynanquim, 2020). Levi participou também do livro *História das Histórias em Quadrinhos no Ceará* (Edições Demócrito Rocha, 2018) com um capítulo sobre o Mendez.

Para adquirir o belíssimo livro *Mendez – Mestre da caricatura*, o leitor pode solicitar facilmente seu pedido pela internet, no site [ecomuseu.com.br/mendez/](http://ecomuseu.com.br/mendez/), por incríveis 50,00 (mais valor do frete). Para mais informações, acompanhem no Instagram o projeto no perfil: @mendezcaricaturista.

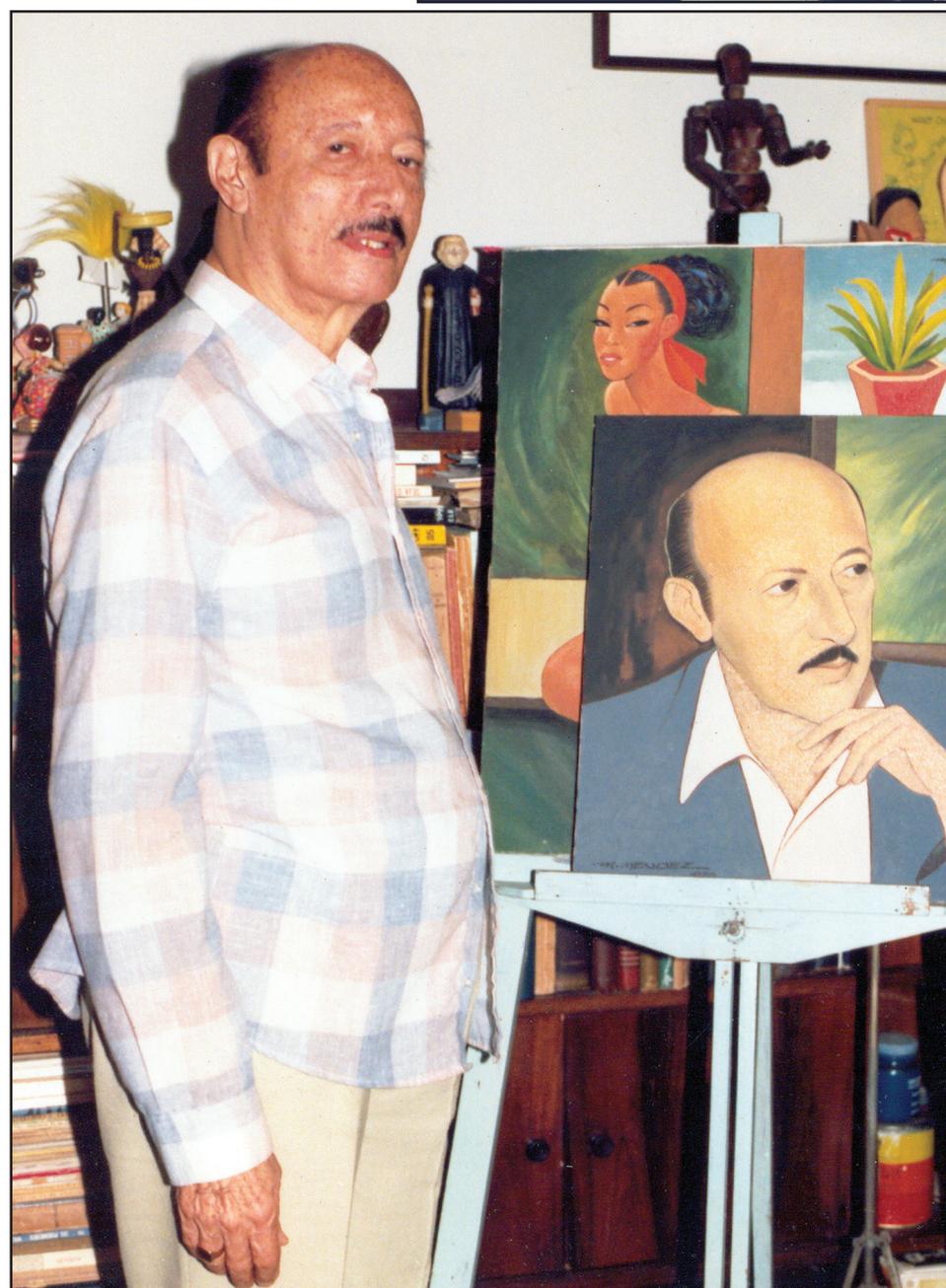
Saúde e Arte!



Ao lado, Mendez por ele mesmo. Abaixo, o artista numa foto de 1988.



O pesquisador Levi Jucá.



# Há 150 anos nascia Júlio Salusse, o poeta dos cisnes

Por Danilo Gomes\*

O fluminense Júlio Salusse escreveu vários sonetos, mas ficou famoso por um apenas, que em outros tempos se tornou um sucesso: *Cisnes*. Românticas senhoras e moças sabiam-no de cor, suspirosas. Os homens também gostavam. O célebre soneto rompeu o tempo e deu fama a Salusse, como o *Soneto de Arvers* immortalizara o francês Alex – Felix Arvers. Júlio Salusse tornou-se, para sempre, “o poeta dos Cisnes”.

*Cysnes* (segundo a grafia vigente na época) veio a lume em 1893.

Júlio Mário Salusse nasceu na Fazenda de Gouguy, no município de Bom Jardim, estado do Rio de Janeiro, em 30 de março de 1872. Formou-se em Direito, em São Paulo. Foi promotor público em Nova Friburgo. Abonado, passou boa temporada boêmia em Paris (onde mais poderia ser poeta Márcio Catunda?). Tinha o tal *savoir-vivre*. Em Paris, o poeta encontrou-se inúmeras vezes com Santos Dumont, um ídolo da alta sociedade local. Voltou para o Rio. Escrevia em jornais. Exerceu a advocacia, sendo seu último escritório na Rua São José. Teve namoradas, mas não se casou com nenhuma, nem com Laura de Friburgo, nem com Vera van Herven, pelas quais se apaixonara; e em Paris se perdeu de amores pela resplandecente beldade Cléo de Merode. O avô do poeta, Guillaume Marius Salusse, foi soldado de Napoleão Bonaparte, no posto de capitão; lutou na Batalha de Trafalgar, vencida pelo Almirante Nelson. Esse avô veio morar no Rio, quando da queda do imperador, e no Rio morreu aos 86 anos, fumando cachimbo e tomando bons vinhos franceses.

Não vou aqui fazer um esboço biográfico do poeta, que é o patrono da Academia Friburguense de Letras, fundada em 1947. Quero apenas registrar que Salusse levou vida boêmia no Rio de Janeiro e foi amigo de escritores como Raul Pompeia, Emílio de Menezes, Paula Ney, José do Patrocínio, Olavo Bilac, Lima Barreto, Guimarães Passos, Leôncio Correia, Luís Murat e outros.

Júlio Salusse teve dois biógrafos: Nilo Bruzzi e Carlos Heitor Castelo Branco. Este último, eu conheci em São Paulo, em 1980, ano em que publiquei meu livro *Uma Rua Chamada Ouvidor*. Em minhas peregrinações por livrarias e sebos, encontrei-o com sua mulher, Zelina, na Learte Livraria e Encadernação Ltda., na Rua Peixoto Gomide, 1805, Jardim Paulista (que você conheceu, Humberto Werneck).

Esses dias reli o livro de Carlos Heitor Castelo Branco, que ele me enviou de presente naquele ano de 1980, com esta dedicatória: “Prezado Danilo Gomes, como falo da Rua do Ouvidor, mando-lhe o Salusse, o Carlos Heitor. 1980”.

O título desse livro é *Salusse, o Poeta dos Cisnes*, da Editora Hucitec, São Paulo, 1979. A primeira orelha do volume é assinada por Vasconcelos Machado Florense e o prefácio é do escritor Abguar Bastos.

Carlos Heitor Castelo Branco, autor de vários livros e bibliófilo de escol, nasceu em Belém do Pará e foi, menino ainda, para o Rio. Muitos anos depois, foi morar em São Paulo, onde faleceria. Deixemos que ele conte a história:

“Guardo, em minha memória enevoada pelo inverno dos anos, o dia em que o poeta Júlio Mário Salusse, sabendo de minha situação, convidou-me para morar em sua casa na Rua Nascimento e Silva, 564, em Ipanema. Estávamos em 1929; ainda não havia cajueiros e amendoeiras no imenso areal que circundava a lagoa Rodrigo de Freitas, que ficava ali perto. A imensa praia do Ipanema, do Arpoador ao Leblon, era quase deserta; por ali morava o professor Barros, que ensinava uma mocinha a cantar: “Taí, eu fiz tudo pra você gostar de mim, música e letra de Joubert de Carvalho; a mocinha era Carmen Miranda.

A casa do poeta, um bangalô com torre; celibatário, morava só. O convite, além de grande ajuda em época tão difícil, ainda me proporcionava o esteio de uma cultura, a prosa de um homem vivido e viajado e ainda livros para ler. Salusse não era mais o moço estroina de sua mocidade, vivia de seu escritório de advocacia na Rua São José. Levantava cedo, ia para o banho de

mar e, antes de escurecer, já estava na sua cadeira de balanço, esperando a chegada da marmita, que nos trazia o jantar do qual eu participava com a fome juvenil dos meus dezenove anos.

Salusse gostava de contar sua vida e lá vinham estórias de poetas e escritores que eram para mim monstros sagrados. Evocava um velho Rio que conhecera como ‘Capital do Império, aquela mesma cidade que Pereira Passos, abrindo a Avenida Central, transformaria completamente de burgo colonial em metrópole, com grande influência de Paris. Toda uma geração passava nas estórias contadas por ele.

Assim decorriam as noites, e quase um ano se passou em que convivi intimamente com o autor de *Cisnes*.

Renan, Eça e Théophile Gautier eram a trindade que reverenciava e que por sua influência passaram a ser os meus autores preferidos: Renan, com sua *Vida de Jesus*, Eça com *A Relíquia* e Gautier com *Mademoiselle de Mapin*, que ele costumava ler. Acabei sabendo de cor os trechos mais belos destes livros.” (Págs. 1 e 2.)

E o biógrafo vai contando a vida de seu famoso benfeitor, nas páginas e nos capítulos seguintes, de que destaco alguns títulos: *Laura de Friburgo*, *Por estas tardes pálidas de agosto*, *Político e jornalista*, *Café Belas Artes*, *Salusse e Raul Pompéia*, *Sonetos que são outras tantas pérolas de Salusse*.

Carlos Heitor Castelo Branco registra que o coração do poeta balançou entre duas musas: Laura de Friburgo, bela morena (“introvertida, orgulhosa de sua nobreza”) e Vera van Herven, sedutora loura (“comunicativa, lendo os últimos romances, gostando de poesia e música, e também nobre e rica”). O jovem poeta, “muito louro, de olhos profundamente azuis, elegante no trajar”, apaixonou-se por essas bonitas moças da “belle époque”. E o biógrafo e amigo anota: “Indeciso entre as duas, acabou por perdê-las, mas foram elas as inspiradoras da maioria de seus versos.”

Outro grande amor de Júlio Salusse foi a linda Cléo de Merode, cujo retrato encontramos na pág. 36 do livro de Carlos Heitor Castelo Branco. O poeta ficou em ciclópica desvantagem: Cléo de Merode era amante do Príncipe de Gales e do Rei Leopoldo II da Bélgica! Desolado, meteu a viola no embornal e voltou para as rodas boêmias do Rio de Janeiro, nos restaurantes e cafés.

Júlio Salusse foi membro da Academia Fluminense de Letras, onde ocupou a cadeira 28, cujo patrono é o conselheiro Macedo Soares.

É de justiça lembrar aqui que outro biógrafo de Júlio Salusse foi seu leal amigo até os dias da mortal agonia, Nilo Bruzzi, sempre mencionado por Carlos Heitor Castelo Branco. Essa biografia escrita por Nilo Bruzzi intitula-se *O Último Petrarca*. Salusse morreu vitimado pelo câncer, em 30 de janeiro de 1948. Não se casou, não deixou filhos. Mas meu amigo Carlos Heitor Castelo Branco, à pág. 105 de seu livro, legou-nos estas filosóficas e afetuosas palavras, tendo em conta que o poeta era um devotado leitor de Machado de Assis, o nosso grande Bruxo do Cosme Velho: “O certo é que, tanto Machado quanto Salusse deixaram filhos; filhos que não morrem e que transmitirão, por séculos, o nome imortal de seus pais.”

Não é, senhoras e senhores, um *grandfinale*, um gracioso epílogo de gala, digno de Machado e de Salusse?

\*Danilo Gomes é da Academia Mineira de Letras.

## OS CISNES

*A vida, manso lago azul, algumas vezes, algumas vezes mar fremente, tem sido para nós, constantemente um lago azul, sem ondas, sem espumas.*

*Sobre ele, quando, desfazendo brumas matinais, rompe um sol vermelho e quente, nós dois vogamos indolentemente, como dois cisnes de alvacentas plumas!*

*Um dia, um cisne morrerá, por certo... Quando chegar esse momento incerto, no lago, onde talvez a água se tisne,*

*– que o cisne vivo, cheio de saudade, nunca mais cante, nem sozinho nade, nem nade nunca ao lado de outro cisne.*

Júlio Salusse

DRAUZIO  
VARELLAO  
EXERCÍCIO  
DA  
INCERTEZA  
MEMÓRIAS**REFLEXÃO MÉDICA**

A medicina não é uma ciência exata. Seu exercício está sujeito a fatores imprevisíveis que variam de paciente a paciente – tendo sempre a finitude humana no horizonte. Essa parcela do imponderável é matéria para o relato de Drauzio Varella, oncologista que se tornou nacionalmente conhecido como um dos primeiros médicos a fazer uso dos canais de comunicação de massa para propagar informações sobre saúde e conscientizar sobre bons hábitos. Em *O Exercício da Incerteza – Memórias* (Companhia das Letras), o autor narra com sensibilidade e franqueza episódios de sua vida a partir do fio da medicina. Por sua prosa fluida, acompanhamos momentos críticos, como a pandemia do HIV e a epidemia de tuberculose nos presídios em que atendia voluntariamente, e outros celebrados, como a bem-sucedida campanha de combate ao uso de drogas injetáveis no Carandiru, que capitaneou. Estas memórias ultrapassam o registro biográfico ao fazer uma reflexão sobre a prática médica, que figura nestas páginas

como arte que exige humildade, estudo, empatia e habilidade para atravessar os reverses do acaso. Drauzio Varella nasceu em São Paulo, em 1943. Formado em Medicina pela USP, trabalhou por vinte anos no Hospital do Câncer. Foi voluntário na Casa de Detenção de São Paulo (Carandiru), na Penitenciária Feminina da Capital e hoje atende no Centro de Detenção Provisória do bairro Belém (São Paulo). É autor, entre outros, de *Estação Carandiru* (1999), que ganhou os prêmios Jabuti de Não Ficção e Livro do Ano.

**SONHOS DE FUGA**

*O Pianista da Estação* (Editora Vestigio), terceiro romance do autor e também diretor de cinema e roteirista Jean-Baptiste Andrea, é um premiado e emocionante romance de formação sobre a orfandade, a música, a amizade e o amor. Vencedor do Grand Prix RTL-Lire (2021), o livro conta a história de Joseph Marty, um senhor de 69 anos que toca Beethoven divinamente em pianos públicos. Um dia ele está numa estação de trem na Europa; outro, em um aeroporto nos Estados Unidos. Joe desperdiça seu talento em meio a viajantes indiferentes, e parece estar sempre à espera de alguém. É com muita poesia e sensibilidade que o autor nos apresenta Joe, um homem talentoso que emociona a todos quando toca, mas visivelmente machucado pela vida e marcado pelas tragédias do passado. Ainda adolescente, com a morte brutal de seus pais e irmã, ele passa a viver em um orfanato com práticas pedagógicas questionáveis. Apesar do ambiente hostil, as amizades que cruzam seu caminho trazem conforto e esperança em meio ao sofrimento e à solidão. O encontro improvável com Rose, uma jovem da mesma idade, lhe dá outra perspectiva e sua vida passa então a se resumir a sonhos de fuga. Jean-Baptiste Andrea nasceu em 1971, na cidade francesa de Saint-Germain-en-Laye. Cresceu em Cannes, conhecida por ser a sede do principal evento cinematográfico da Europa. Foi em Cannes que começou a fazer curta-metragens antes de se mudar para Paris e se formar em Ciência Política e em Economia. Em parceria com Fabrice Canepa, escreveu e dirigiu seus primeiros filmes: *Rota da morte* (Dead End), *Grande coisa* (Big Nothing) e *Irmandade das lágrimas* (La confrérie des larmes).

gógicas questionáveis. Apesar do ambiente hostil, as amizades que cruzam seu caminho trazem conforto e esperança em meio ao sofrimento e à solidão. O encontro improvável com Rose, uma jovem da mesma idade, lhe dá outra perspectiva e sua vida passa então a se resumir a sonhos de fuga. Jean-Baptiste Andrea nasceu em 1971, na cidade francesa de Saint-Germain-en-Laye. Cresceu em Cannes, conhecida por ser a sede do principal evento cinematográfico da Europa. Foi em Cannes que começou a fazer curta-metragens antes de se mudar para Paris e se formar em Ciência Política e em Economia. Em parceria com Fabrice Canepa, escreveu e dirigiu seus primeiros filmes: *Rota da morte* (Dead End), *Grande coisa* (Big Nothing) e *Irmandade das lágrimas* (La confrérie des larmes).

**DESIGUALDADE RACIAL**

*Lugar de Negro* (Editora Zahar) reúne três textos de duas grandes referências nos estudos das relações entre desigualdade e raça – Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg –, sintetizando pontos centrais da questão racial brasileira e contribuindo para fortalecer uma luta fundamental do movimento negro naquela época: desconstruir o mito da democracia racial, incitado durante a ditadura. Numa perspectiva intimista, Lélia Gonzalez dedica-se aqui a apresentar o processo de consolidação do movimento negro no Brasil, culminando na criação do MNU, em 1978, na qual exerceu protagonismo. Carlos Hasenbalg, por sua vez, analisa os principais aspectos acerca da configuração do racismo e das desigualdades no Brasil. Seguindo sua linha investigativa pioneira, ele demonstra que relegar a discriminação ao reflexo das relações de classe subestima o papel

da opressão racial na própria constituição das hierarquias sociais. Publicado originalmente em 1982, este livro apresenta ainda hoje reflexões cruciais para a agenda intelectual e política do Brasil. Lélia Gonzalez (1935-94) foi uma das mais importantes intelectuais brasileiras do século XX. Autora de extensa produção escrita, grande parte de sua obra encontra-se reunida na coletânea *Por um Feminismo Afro-latino-americano*, publicada pela Zahar. Carlos Hasenbalg (1942-2014), sociólogo argentino, foi um dos grandes nomes das ciências sociais brasileiras contemporâneas, com lugar de destaque na consolidação dos estudos sobre desigualdades raciais. Autor de vasta obra, seu livro *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil* (1979) é um divisor de águas na literatura sobre o tema.

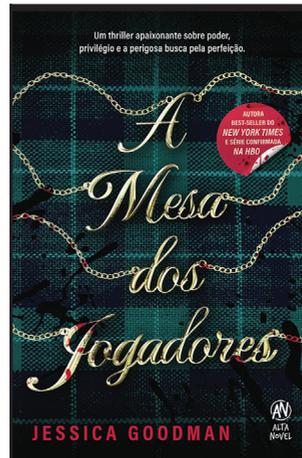
João  
Maria  
Matilde

Marcela Dantés

**PATERNIDADE**

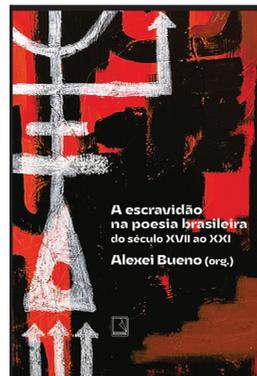
Em seu novo romance, *João Maria Matilde* (Editora Autêntica Contemporânea), Marcela Dantés, autora finalista dos prêmios São Paulo e Jabuti 2021, narra uma história sensível sobre laços familiares, loucura, hereditariedade e raízes. Perto dos quarenta anos, Matilde, uma mulher forte e independente que pensava ser filha de pai desconhecido, recebe um telefonema que desorganiza sua vida. O português João Maria é seu pai, já está morto e deixou um testamento, que a inclui, a ser lido com data e hora marcada em uma pequena vila além-mar. Deixando no Brasil o namorado, Abel, e Beatriz, a mãe que sofre com um Alzheimer precoce, a protagonista, já em Portugal à espera da leitura do testamento, faz um mergulho tão inesperado quanto solitário em seu passado desconhecido. Psicologicamente fragilizada, Matilde se vê obrigada a enfrentar seus maiores medos, a síndrome do pânico e alguns delírios que insistem em aparecer quando ela mais precisa de lucidez. Na busca por suas

origens, é na terra de seu pai que ela encontra uma versão surpreendente, emocionante e transformadora de si mesma e de sua história. Marcela Dantés nasceu em Belo Horizonte em 1986. Em 2021, seu romance de estreia, *Nem Sinal de Asas*, foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura, na categoria Melhor Romance de Estreia, e do Prêmio Jabuti, na categoria Melhor Romance Literário. Em 2016, foi a autora residente do Festival Literário Internacional de Óbidos (FOLIO), em Portugal. Este *João Maria Matilde* começou ali.

**PASSADO DESENTERRADO**

*A Mesa dos Jogadores* (Editora Alta Books) de Jessica Goodman é um thriller apaixonante sobre poder, privilégio e a perigosa busca pela perfeição dos jovens do ensino médio. Tudo na vida de Jill Newman e de seus amigos parece perfeito. É um milagre que alguém saia vivo do Ensino Médio. Brilhantes, intocáveis, destinados à grandeza, eles têm as melhores festas, as melhores notas e a admiração de toda a escola. Este vai ser o ano de sua vida. Ela tem certeza disso. Até que a memória de um evento trágico ameaça ressurgir. Três anos antes, a melhor amiga de Jill, Shaila, foi morta pelo namorado, Graham. Ele confessou, o caso foi encerrado e Jill tentou seguir em frente. Mas quando começa a receber mensagens de texto anônimas proclamando a inocência de Graham, a perfeição do ano de Jill se desfaz. Se Graham não matou Shaila, quem o fez? Ela promete descobrir, mas tem alguém disposto a fazer o que for

preciso para garantir que o passado permaneça enterrado. Trauma Contundente. É o que diz a certidão de óbito. É o que ficharam no livro de registros. Mas isso nem de longe diz como Shaila morreu. Não tem como saber se ela morreu de raiva, de traição. De querer muito de uma vez. De nunca se sentir satisfeita. Sua raiva consumia tudo. Sei disso porque também era uma vez. Por que tivemos que sofrer daquele jeito? Por que fomos escolhidas? Como perdemos o controle? É como se um monstro vivesse dentro de mim. Ele se instalou, fica à espreita esperando para rasgar meu peito e se mostrar. Eu me pergunto se foi assim que Shaila se sentiu em seus últimos momentos de vida. Jessica Goodman é autora de thrillers para jovens adultos e editora sênior da revista *Cosmopolitan*.

**RAIZ DA POESIA**

*A Escravidão na Poesia Brasileira* (Editora Record) de Alexei Bueno é a única antologia feita até hoje tendo como tema a escravidão. Cobrindo quase três séculos e meio de poesia, reúne cerca de 80 poetas e mais de 200 poemas, alguns deles esquecidos e outros nunca publicados em livro. Alexei Bueno, poeta, ensaísta crítico, tradutor e editor renomado, realizou uma tarefa difícil e inédita: selecionou e organizou criteriosamente poetas e poemas que abordam o tema da escravidão no Brasil, do século XVII ao XXI. A mais primitiva e cruel das relações de trabalho esteve vigente em nosso país por três séculos e meio, da Colônia ao Império, e deixou marcas profundas e traumáticas na alma nacional. Se a escravidão teve forte presença nas artes visuais, na música e na ficção, a verdade é que sua marca

foi mais efetiva na poesia, pois nenhuma outra forma de arte deixou peças tão icônicas na memória brasileira como *O navio negreiro* e *Vozes d'África*, de Castro Alves, ou *Essa negra Fulô*, de Jorge de Lima, três exemplos mínimos em uma imensa constelação. A escravidão na poesia brasileira é mais que uma antologia, é um ensaio antológico em que o organizador Alexei Bueno, além de reunir poetas e poemas, elenca subtemas essenciais no ensaio introdutório (a viagem ultramarina, a separação das famílias, os castigos físicos, revoltas e fugas, os quilombos, as figuras míticas etc.) e, ao final do volume, fornece verbetes com um retrato de cada um dos poetas e uma análise dos poemas aqui reunidos. Muitos desses poemas nunca foram publicados em livro, ou estão totalmente esquecidos. Mas *A Escravidão na Poesia Brasileira* reúne também vários dos maiores nomes da literatura nacional de todas as épocas: Gregório de Matos, Tomás Antônio Gonzaga, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Fagundes Varela, Castro Alves, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, entre outros.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



# CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em [afavordobrasil.cnc.org.br](http://afavordobrasil.cnc.org.br)



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

# De licor de pitanga e personagens literárias

Por Getúlio Marcos Pereira Neves\*

Estando na capital pernambucana, não se deve deixar de ir à Casa Museu Madalena e Gilberto Freyre, em Apipucos: ali, o escritor instalou o seu recanto. Assim como o fez Jorge Amado no bairro do Rio Vermelho, em Salvador, onde construiu a residência da família, que igualmente se visita. Ambas as casas são endereços famosos e que hoje, com o desaparecimento físico dos proprietários, perpetuam a memória dos seus sucessos e a intimidade dos seus hábitos.

A residência dos Freyre passou ultimamente por reforma, reabrindo ao público no último mês de maio, e não sei dizer como ficou disposto o acervo. Das visitas que fiz, recorda-me a impressão que faziam a coleção de edições estrangeiras de *Casa Grande e Senzala* e a de uma parte das inúmeras condecorações que recebeu. Aliás, o que se dá com relação a Jorge Amado ao se visitar a Fundação que leva seu nome, situada no Pelourinho, em Salvador. Mas nada se comparava à impressão, quase susto, ao entrar na sala onde Gilberto Freyre escrevia e lá se deparar com um modelo do próprio, estirado na cadeira preferida, a perna esticada sobre outra, tendo no colo o suporte de madeira em que apoiava o manuscrito, que era como escrevia. Perpetua-se a escrita de Freyre ao perpetuar-se a imagem do autor em pleno ato de escrita.

Alguns anos passados, recordo-me de, ao final da visita à Casa Museu, ter ouvido menção – e visto num frasco – o famoso licor de pitanga, receita de Freyre. Câmara Cascudo registrou que o convidado não entrava lá sem provar do licor. Entregou John dos Passos, que “entornou” um frasco inteiro da bebida, e Rosselini, um e meio. Famosa ficou a passagem com o capixaba Rubem Braga, que, em visita a Freyre, chegou, provou, fez um muxoxo e pediu uísque, como era de seu feitio. Teria sido Rubem, conta-se, o único a desaprovar a receita. Que levava, segundo o próprio desenvolvedor, cachaça “da cabeça”, pitangas bem maduras, colhidas na hora, e algo de um licor de violetas confeccionado por freiras de um convento de Garanhuns, no agreste pernambucano. Vá-se saber...

O fato é que, após o registro de Cascudo, Gilberto passou ao filho Fernando o segredo da produção do licor. Falecido precocemente este último, lá se foi a receita, ficando o licor de pitangas de Gilberto Freyre restrito à, pode-se dizer, memória literária brasileira.

A perpetuação da memória de escritores ilustres é serviço que deve ser prestado ao público. Não por outro motivo há, aí, a participação do poder público, dando suporte à iniciativa privada. A já referida Fundação Casa de Jorge Amado promove anualmente, no Pelourinho e cercanias, uma feira literária, a Flipelô, que este ano se realizará em novembro. Fui informado de que esta edição homenageará as mulheres de Jorge Amado – vale dizer, suas personagens femininas. O que é muito bom: Gabriela, Dona Flor, Tieta, Tereza Batista, Livia, são mulheres fortes, personagens marcantes, construídas pelo gênio do autor com o mesmo cuidado de quem desenvolve uma receita especial de licor. A receita, como as personagens, apreciadas com o prazer que a fruição dos sentidos proporciona. Mas, e isto é incontestável, a perpetuação desse prazer no tempo é algo que só as grandes realizações literárias podem proporcionar. Muito infelizmente, aliás, no caso do extinto licor.

\*Getúlio Marcos Pereira Neves, membro do PEN Clube do Brasil.



Adquirida no final da década de 1930, a Vivenda Santo Antonio de Apipucos, hoje Casa-Museu Madalena e Gilberto Freyre (1900-1987), está localizada no bairro recifense de Apipucos e foi a residência familiar do intelectual pernambucano por mais de 40 anos.

# Um São João de reencontros

Por Manoel Goes\*

Na cultura popular brasileira, principalmente no nordeste brasileiro, as festas juninas têm lugar especial, pois, além de valorizarem as tradições locais do país, também revelam muitos elementos históricos, religiosos e mitológicos curiosos, que passam despercebidos. As festas, como todos sabem, seguem o calendário litúrgico da Igreja Católica, que, no processo de assimilação dos antigos cultos pagãos europeus, na transição da Idade Antiga para a Idade Média, acabou por substituir os rituais dedicados aos deuses médios-orientais, gregos, romanos e nórdicos por festas dedicadas aos santos.

O grande ícone das festas de São João, a fogueira, tem sua origem e fundamento na história do nascimento de São João Batista. A fogueira foi um sinal de Santa Isabel para a sua grande amiga Maria, mãe de Jesus. Santa Isabel estava grávida, e este filho se chamaria João Batista. Quando ele nascesse, seria acessa uma fogueira bem grande e assim Maria poderia ver ao longe e saber do nascimento do menino. Em torno da fogueira de São João, também se desenvolveu no nordeste brasileiro uma série de superstições e simpatias, como passar descalço sobre o braseiro com o “batismo na fogueira”, dentre outras.

Já no Brasil, a prática do acendimento da fogueira na noite de 23 para 24 de junho foi trazida pelos jesuítas, e tal prática foi com o tempo associada

a outras tradições populares, como o forrobodó africano, um tipo de dança de arrasta-pé, origem do forró nordestino, e a quadrilha caipira, que herdou elementos de bailes populares da Europa. Palavras como “anarriê”, “alavantú” e “balancê”, por exemplo, são termos adaptados de bailes populares da França.

Passados dois anos, o São João de Caruaru, município de Pernambuco, uma das cinco maiores festas juninas do nordeste (sendo a de Campina Grande, na Paraíba, a maior de todas) está oficialmente de volta, com data marcada para o seu início no dia 04 de junho, seguindo até o dia 29. Nomes importantes estão confirmados, como Elba Ramalho, Alceu Valença, Claudia Leitte, Xand Avião, Wesley Safadão, dentre outros. A expectativa dos organizadores é de que, neste ano, sejam movimentados cerca de 250 milhões ao longo do mês. “Será o São João de reencontros e com a expectativa de ser o maior e melhor São João do mundo, com uma programação especial, com artistas locais e nacionais, é tudo que merecemos para tirar este atraso que a pandemia causou”, afirma a prefeita Raquel Lyra.

É que, outrora, em um passado até recente (1968 e 1971), essa fogueira quase se apagou, mas não demorou muito para recuperar a posição de destaque. Por dois anos consecutivos (2020 e 2021), não houve balões no ar, nem xote e baião no salão. Enquanto a pandemia de Covid-19 avançava, aqueles que se dedicam às quadrilhas juninas buscavam alternativas para que o fogo não cessasse e que, em 2022, voltasse a ocupar um lugar central nos festejos tradicionais do Nordeste, e que está sendo preparado para acontecer. O sentido da festa, e de se festejar São João neste ano, será mais forte, afinal a pandemia nos empurra para o uso, a descoberta, o aproveitamento de diversos artefatos “novos”, e é padrão das quadrilhas juninas buscar o novo, experimentá-lo e, se for válido, incorporá-lo à tradição do fazer junino. Os espetáculos juninos, em sua forma e conteúdo, com certeza serão os maiores de todos os tempos.

\*Manoel Goes é diretor no IHGES e subsecretário de Cultura de Vila Velha.

# O mistério de Ayanna

Por Jonas Rabinovitch\*

Ayanna era uma aldeia como qualquer outra. Tinha casas, ruas e pessoas como em qualquer outro lugar. Vila pequena, pacata, com pouco trânsito, árvores frondosas e crianças brincando na rua.

Mas havia uma diferença e um grande segredo. No centro da aldeia, havia uma torre alta coberta com estranhos desenhos coloridos: a torre do destino. No centro da torre, uma estreita escada em caracol, com 365 degraus, levava a um mirante. No alto do mirante, um globo transparente continha o olho de um gigante boiando em uma gelatina azul clara. Quem olhasse dentro do olho do gigante, no momento exato do primeiro raio de sol, saberia imediatamente o dia e a forma como iria morrer.

Isso era conhecido como “a informação terminal”.

Os habitantes de Ayanna sabiam do segredo e o passavam cuidadosamente de mãe para filha.

Cada um podia escolher se iria subir na torre ou não, e quando. Livre arbítrio total.

Ninguém sabia exatamente quem havia subido na torre. Mas o comportamento de cada um mostrava diferenças. Aliás, como em qualquer outra aldeia.

Eles se dividiam entre “os que sabiam” e “os que não sabiam”. Mas nunca tinham certeza de quem sabia e de quem não sabia.

Para alguns, o mais importante não era saber o dia no qual iriam morrer. Mas saber sobre todos os outros dias anteriores nos quais não morreriam. Então faziam miséria, pintavam o sete, inventavam mil loucuras como se tivessem um superpoder. E alguns diziam: “esse aí deve ter olhado no olho do gigante.”

Uns cometiam erros, como Pedro padeiro: ele não morreu, mas ficou 12 anos em coma, um desperdício.

As profissões mais arriscadas eram magistralmente executadas pelos que sabiam.

Não foi por acaso que o circo de Ayanna ficou conhecido internacionalmente. Não pela graça de seus palhaços, mas pelo arrojado mortal de seus trapezistas. O Pedro da padaria fazia bico como trapezista, por exemplo. Uma triste lição para todos...

Alguns soldados de Ayanna voltavam das guerras extremamente condecorados.

Curiosamente, os que subiam na torre do destino voltavam transformados na forma como viam o amor. Sim, porque, se cada dia representa uma pequena morte (principalmente nas segundas-feiras), conhecer a informação terminal transformava mulheres e homens em amantes ardentes, extraordinariamente dedicados às suas famílias.

Os ortopedistas estavam bem de vida. A religião sofria um pouco e a filosofia mais ainda. Aliás, todas as artes e ciências que normalmente cresciam nutridas por incertezas da vida foram impactadas nessa vila de videntes.

Os mais idosos ainda se lembram quando Zulmira, conhecida como “a última cartomante”, fez as malas e deixou Ayanna para sempre.

Um dia, um enorme raio atraído pela gelatina azul do olho do gigante transformou o mesmo em uma massa escura, disforme e inútil.

As pessoas passaram a subir na torre do destino apenas como passatempo ou exercício.

Do alto do mirante, viam a beleza do nascer do sol. Viam o colorido das nuvens. Fechavam os olhos e escutavam pássaros e o ruído do riacho irmanando as coisas vivas.

Assim como antes, desciam da torre transformados.

Não por possuir uma única certeza, mas por poder valorizar todas as dúvidas.

Um dia de cada vez.

\*Jonas Rabinovitch é arquiteto urbanista e ex-Conselheiro para Inovação e Gestão Pública da ONU, Nova York.

## Toda teoria tem um LADO PRÁTICO. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▶ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▶ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▶ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▶ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

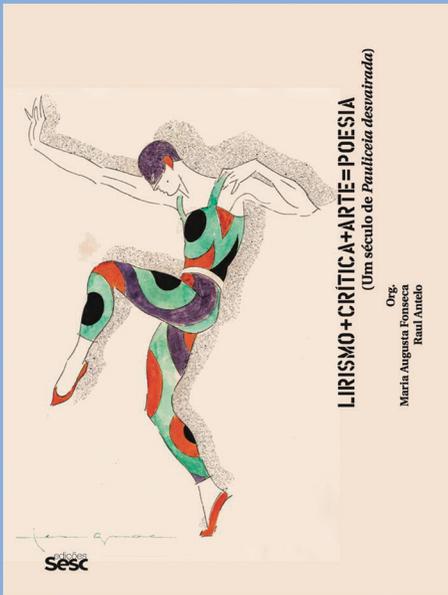
**FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !**

INFORMAÇÕES:  
Disque Estudante  
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site [www.ciee.org.br](http://www.ciee.org.br)

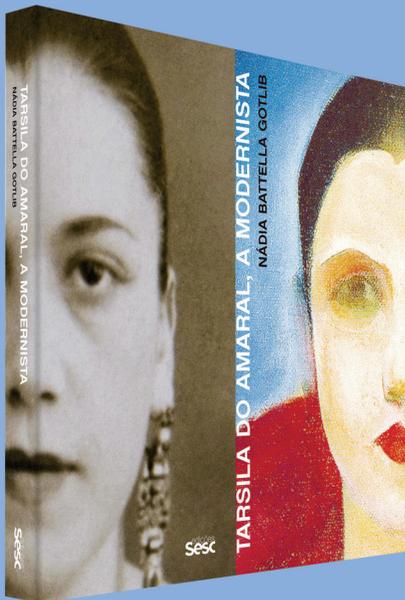




**LIRISMO + CRÍTICA + ARTE = POESIA**  
(Um século de Pauliceia desvairada)  
Org.  
Maria Augusta Fonseca  
Raúl Antelo

**EM BREVE**

**LIRISMO + CRÍTICA + ARTE = POESIA**  
um século de Pauliceia desvairada  
**Maria Augusta Fonseca e Raúl Antelo (org.)**  
Livro reúne críticos literários e pesquisadores que analisam os 22 poemas de Pauliceia desvairada. A obra também apresenta cada um dos poemas ilustrado por um gravurista, desenhista ou fotógrafo.



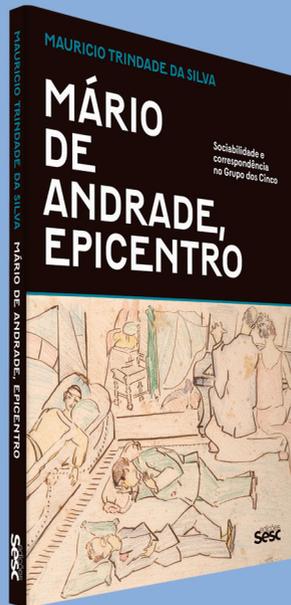
**TARSILA DO AMARAL, A MODERNISTA**  
NÁDIA BATTELLA GOTLIB

**TARSILA DO AMARAL**  
a modernista  
**Nádia Battella Gotlib**  
Nesta biografia, a autora recria a trajetória libertária de Tarsila do Amaral, debruçando-se sobre sua vida privada, sua formação artística, o circuito modernista, o movimento Pau-brasil e a Antropofagia.

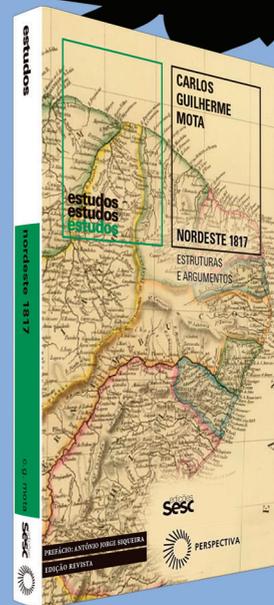
**diversos**

**22**

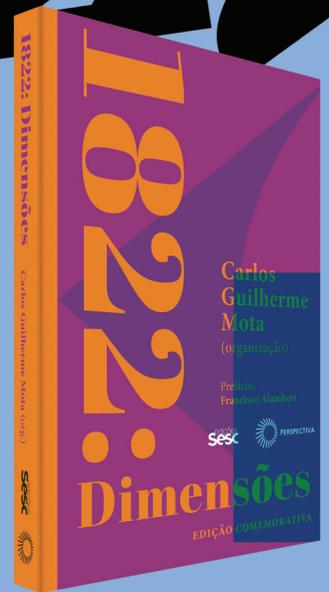
projetos memórias  
conexões



**MÁRIO DE ANDRADE, EPICENTRO**  
Sociabilidade e correspondência no Grupo dos Cinco  
**Maurício Trindade**



**NORDESTE: 1817**  
(2ª ed.)  
**Carlos Guilherme Motta**  
Edições Sesc e Editora Perspectiva



**1822: DIMENSÕES**  
(2ª ed.)  
**Carlos Guilherme Motta**  
Edições Sesc e Editora Perspectiva

**EM BREVE**



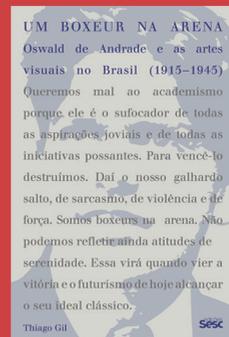
**SEMANA DE 22**  
olhares críticos  
Marcos Antonio de Moraes (org.)  
Coedição Biblioteca Mindlin



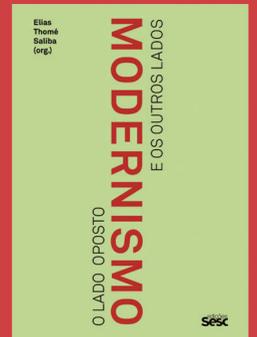
**CINEMA E EDUCAÇÃO**  
a emergência do moderno (1920-1930)  
Rosana Catelli



**SÃO PAULO NA DISPUTA PELO PASSADO**  
Um monumento à Independência de Ettore Ximenes  
Michelli Cristine Scapol Monteiro  
Apoio cultural: Biblioteca Mindlin



**UM BOXEUR NA ARENA**  
Oswald de Andrade e as artes visuais no Brasil (1915-1945)  
Thiago Gil de Oliveira Virava  
Apoio cultural Biblioteca Mindlin



**MODERNISMO**  
o lado oposto e os outros lados  
Elias Thomé Saliba (org.)  
Apoio cultural Biblioteca Mindlin

[sescsp.org.br/edicoes](http://sescsp.org.br/edicoes)

    /edicoessescsp

edições  
**Sesc**